FON
FON
ANNO XXIV — N.º 34
Rio, 23 de Agosto de 1930
PREÇO: 1$000

Sempre com febre!

A febre não cede! A criancinha mantem-se abatida, e os paes afflictos! Em muitos destes casos trata-se de pyelite, muito commum entre as crianças de todas as idades.

Nestes casos o medico prescreverá os comprimidos Bayer de Helmitol, que fazem milagres! Um comprimido em agua com assucar constitue uma deliciosa limonada, que as crianças tomam com prazer, e o que é melhor, com magnifico resultado.

O Helmitol é indicado como precioso medicamento auxiliar em todos os casos de infecção das vias urinarias e do organismo em geral.

Enxugue bem os pés

Para evitar as incommodas frieiras dos pés, enxugue-os bem depois do banho. No tempo de calor será conveniente, em certos casos, applicar entre os dedos, um pouco de talco. As pessôas arthriticas que não têm este cuidado, são frequentemente achacadas das taes frieiras. Para combatel-as, como para evital-as, recommenda-se o anti-arthritico da Casa Bayer-Meister Lucius — Hexophan — em comprimidos ou effervescente lithinado.

O Conto Brasileiro

POR coincidencia, começára a soar meia-noite quando dei a ultima demão no meu trabalho.

Metti-me no leito e abri um livro de Julio Dantas para repousar á sua prosa amena antes de adormecer, quando meus ouvidos foram feridos pelos sons afflictivos de um chôro de mulher.

Levantei-me e abri a janella.

A noite estava calma e formosa. A lua, em seu quarto crescente, illuminava a estrada e os campos vizinhos, e as estrellas brilhavam esplendorosamente no céo profundo.

O chôro continuava. Devia vir de uma das casas proximas, mas não me foi possivel precisar de qual.

— Por momentos, estive a ouvir. Na solidão ambiente, aquelle chôro tomava proporções alarmantes e fazia-me mal aos nervos. Sentia-me penetrar duma afflicção crescente.

Que succedêra á pobre creatura que tanta tristeza espalhava na noite bella?

Mas logo, o som foi morrendo e, dentro em pouco, não o ouvi mais.

Voltei ao leito. Tomei o livro e novamente me puz a ler, forçando o espirito a abandonar a tristeza de que se tomára.

Mas o silencio durou pouco. Outra vez os soluços ecoaram.

Larguei o livro, apaguei a luz e procurei adormecer.

Custou-me muito. Não sei que horas seriam quando o consegui.

* * *

NO dia seguinte, foi a minha encantadora vizinha quem me deu as primeiras informações sobre o pranto da noite:

— Foi a Amelia que morreu. Era a mãe della quem chorava...

— A Amelia?...

— Sim. Aquella mocinha morena da casa avarandada.

— Ah!

O meu "ah!" foi vago, porque não me recordava bem dessa moça. Parece-me que a vi algumas vezes sentada á varanda da sua casa, em frente á lagôa que reflecte lá em baixo, no vale. Quero crer que, quando a vi, tive a impressão de que era uma creatura triste. Estou certo de que era magra e pallida.

Achei natural que uma creatura triste, magra e pallida viesse a fallecer. Mesmo os que o não são morrem...

Mas só comprehendi o alcance dramatico da sua morte, quando me relataram circumstanciadamente a vida que essa infeliz levára.

A sua morte revestia-se dum caracter estranho e a vida que se extinguira encerrava uma dolorosa historia. Uma historia que não é do nosso tempo. A historia de um amor romantico e que, fatalmente, encontraria desfecho no drama que a cortou.

* * *

AMELIA era noiva, e o seu noivado era mais do que isso: era uma religião de fervor apaixonado.

A Fernando, o que lhe faltava em saude, sobrava-lhe em amor. Redimia-se da pequenez de suas forças pela grandiosidade do affecto que seu coração sabia sentir

Adoravam-se.

Nos tempos que correm, utilitarios como o que de mais utilitario ha sob o sol, creio que não me apontarão duas paixões como essa.

E' pouco possivel, e todos acharão pouco acceitavel que duas creaturas se dediquem tão completamente uma á outra, que vivam tão exclusivamente para si mesmas e pelo seu amor, como esse par inverosimil.

Quem os visse em certas occasiões de contemplação mutua, diria ter pela frente um casal de mudos que o destino, piedoso, reunira para que se olvidassem na desgraça e se sublimassem no affecto.

E era ao contrario. Falavam.

Mas, para que os sons? para que as vibrações do ar, si tinham os olhos?

Os olhos, esse maravilhoso vehiculo das emoções mais intimas, de que os enamorados de todos os tempos se têm servido, com mais felicidade do que com todas as imperfeitas linguagens, para as suas conversações mais puras, mais perfeitas, mais ideaes, mais commovedoras?

A's vezes, desciam do divino: falavam a linguagem dos homens...

Então, as palavras de um nos ouvidos do outro tomavam formas encantadoras de poemas maravilhosos, nunca ditos nem ouvidos...

Era a sublimação perfeita da ternura humana.

Talvez fosse — quem sabe? — a manifestação morbida de dois corações imperfeitos, incapazes de vibrar a outro sentimento que não fosse esse do amor ideal.

Assim ficavam horas esquecidas á varanda, sob o céo puro e profundo, empoeirado de estrellas.

Nunca os vi nessa adoração mutua, onde eram os dois, ao mesmo tempo, deus e devoto, mas imagino o que ella seria e acho-a extraordinaria.

E era-o, de facto, pois que, como tudo o que é extraordinario, fóra do commum, deslocado do seu tempo e do seu meio, teve um fim doloroso.

Um dia, que seria para um delles de funesta memoria, esse amor teve o seu fio de luz, bruscamente, impiedosamente, partido pelo Destino cégo.

A morte ceifou a vida de Fernando e preparou para Amelia um porvir negro como esse céo que os abrigára, e condensado, tambem, de fogueiras de dôr e desespero...

Amelia tornou-se uma inconsolavel e, em pouco tempo, irreconhecivel.

Aquellas fogueiras foram fazendo devastações irreparaveis no seu organismo fraco.

Passava, sempre que o conseguia, as noites naquella varanda em que, outr'ora, gozára o seu amor ideal e alli ficava a carpir-se, num innenarravel desconsolo, numa immensa solidão, numa infinita saudade.

Sua mãe de lá a arrancava á força, mas, alta noite, pé ante pé, ella voltava.

O ar frio, com afagos traiçoeiros e caricias fataes, ia-lhe ouvindo o chôro abafado e convulso

Já nos ultimos tempos era uma sombra, sem forças para se lamentar, sem lagrimas, sem soluços, quasi sem alento...

Hontem, de manhã, encontraram-na hirta, gelada, estendida no azulejo da varanda, a fitar com os olhos muito abertos, muito baços, mettidos na face magra, pallida, sem expressão, esse céo confidente e profundo que, com a mesma impassividade, ouvira os seus poemas de amor e a derradeira elegia do seu desespero...

O RAMO DE VIOLETAS

De L. L. MARTIN

ELLE ia, com as mãos nos bolsos, o chapéo duro, sebento, sobre os cabellos já muitos longos, o casaco sujo, luzente nos cotovelos e nos omoplatas, as calças surradas, com grandes joelheiras e com as bainhas em franjas cahindo sobre uns velhos sapatos que haviam sido de verniz...

Elle vinha da rua Cambon e virava para os boulevards. Um relogio bateu oito horas menos um quarto.

Pensava:

— Pouca sorte! Pessimas as noites no albergue! Estraguei o meu dia. E' preciso que eu tome cuidado para que amanhã não perca a occasião de ser acceito entre os trabalhadores municipaes. Emquanto espero, não possúo nada nos bolsos, nem no estomago! Isso começa a me cançar! De bom grado eu mendigaria, mas... isso passa de moda; não ha mais mendigos. Depois... conheço muito bem o conselho: — "Por que não procura um trabalho?" Ora, Trabalhar, trabalhar! Eu sempre queria vêl-os trabalhar, quando nunca se soube o que fazer dos dez dedos das mãos!

Elle não estava de máo humor; o seu estribilho sobre o trabalho era puramente objectivo; elle não odiava nem as coisas, nem as pessôas.

No vidro de uma vitrine percebeu o reflexo da sua pessôa e, machinalmente, corrigiu o nó do farrapo da gravata que pendia sobre o immundo peitilho da miseravel camisa.

Depois, olhou em torno. Máo grado a fôme que sentia, a rua o interessava; mulheres passavam com um sorriso nos labios.

Elle examinava-as, como outr'ora; notava a graça de um andar, a côr de uma cabelleira, a qualidade de um perfume, tudo aquillo que fórma a graça, o encanto amavel da Paris nocturna.

Uma curiosa satisfação o dominava:

— E' interessante! Não possúo um "nickel", não sei si dormirei esta noite e si conseguirei comer alguma coisa, e no emtanto estou perfeitamente tranquillo! Os ricos inventaram o dictado de que a fortuna não faz a felicidade, sem perceberem do quanto ha de verdade nisso! Eu vivo dia a dia, isto é, instante a instante, e não desejo mais.

E' preciso saber-se viver o minuto presente. A receita não é nova, mas é sempre bôa.

Pessôas, confortavelmente vestidas, passavam, findo o dia, em busca do repouso no lar ou dos prazeres das diversões. Ellas olhavam-no com desprezo:

— Os desgraçados! Elles fazem-se, combinam-se, querem brilhar e subir! Em vez de gozar, se obstinam em procurar a maneira de ganhar mais dinheiro! Si elles soubessem como é simples, como é facil não se possuir nada...

E elle reparou, ironico:

— Esta noite estou muito philosophico; isso é perigoso!

Uma dôr no estomago chamou-o á realidade:

— Diabo! Isso torna-se urgente! E' preciso que eu me desembarace!

Passava deante de um restaurante da móda. Ao longo do meio fio do passeio, com um silencio majestoso, um automovel parou. Elle precipitou-se, antes que o ajudante do *chauffeur* chegasse, abriu a portinhola e, com gestos mundanos, inclinou-se. Uma mulher desceu, mysteriosa e linda dentro das "fourrures" que a cobriam até os olhos.

Por um instante ella baixou a golla, mostrando o rosto.

O misero estremeceu e nos seus olhos perpassou um clarão.

A mulher pousára nelle o seu olhar; franziu os sobr'olhos como sob a acção de inquietude ou talvez de uma recordação difficil.

Ella examinou o homem, seu rosto sujo, seus cabellos despenteados, sua barba de mais de um mez.

Elle continuava immovel, inclinado.

E ella, afinal, passou.

Seu companheiro, por sua vez, desceu.

Viu-o maltrapilho, procurou nos bolsos uma moeda e acabou deixando cahir negligentemente uma cedula de dez francos, na mão estendida.

O homem viu a esportula; a dous passos uma vendedora de flôres estacionava e elle chegou-se, tirou do cesto um ramo de violetas e entregou á vendedora a cedula de dez francos. Do bolso, retirou um cartão de visita, amarellecido e meio amarrotado, e dirigiu-se á dama; descoberto, inclinou-se:

— Minha senhora...

E entregou-lhe as flores e o cartão.

Ella havia parado, estupefacta.

O homem, depois de cumprimentar, partiu, com um andar solenne, puxando os punhos da camisa, como outrora.

Ella olhou o cartão e leu:

"Conde Tarnopolsky".

Empallideceu; em volta della parecia que o boulevard, os transeuntes, os vehiculos, tudo rodava em um movimento vertiginoso; sentiu as pernas fraquejarem.

O conde! O conde que se arruinára por ella e que todos julgavam morto!

O companheiro juntou-se a ella e, intrigado, impaciente, inquiriu:

— Que significa isso?! —

Ella fez um esforço:

— Nada... Um pobre doido.

Deixou cahir as flores e rasgou o cartão:

— Que coisa estupida! Entremos...

Entretanto, o maltrapilho, andando, monologava:

— Ora, vamos! Ainda um gesto de gentilhomem! Decididamente, meu amigo, tú não passas de um réles aprendiz de mendigo!

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136 — Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Dervignon, Bourdet & C. Paris 9, Rua Tronchet. Ludgate — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram-lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual deve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e limpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem eliminadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette em todo o Mundo.

GAÚCHADAS...

O velho general Manoel Joaquim Godolphim, má o grado a sua carranca de poucos amigos, deitando traqueijo por dá cá aquella palha, era uma bôa alma. Tivemos a feliz opportunidade de servir ao seu lado, por algum tempo, no seu quartel general, em Porto Alegre, quando elle no commando do Districto. Comtudo, já o conheciamos, desde Bagé, commandando a Guarnição e nós, simples alferes, servindo no tradicional 4° de Infantaria.

Como todo bom gaúcho, o velho, que sabia ser "largado" mesmo, tinha o "fraco" pelos cavallos e por quem montasse bem, isto é, como elle... Tendo pertencido sempre á cavallaria, desde o inicio de sua praça, fazia questão de ser considerado general da muito nobre e valorosa arma! Quem o quizesse ver vibrando de enthusiasmo, cahir-lhe no "gotto", lhe falasse numa das suas muitas façanhas gauchêscas de outr'ora. Por muito lhe recordarem esses "feitos" da sua mocidade longinqua, foi que elle resolveu instituir, obrigatoriamente, inverno ou verão, aquellas celebres paradas com todos os corpos da guarnição, nos dias de feriado nacional, na praça da Estação. Essas paradas, aliás empolgantes, terminavam sempre por uma violenta carga de cavallaria sobre a infantaria que, em linha, e de bayonetas cruzadas, firme e decidida, esperava os cavallerianos que se atiravam sobre ella de lanças em riste, como que deante de inimigo de verdade, na imminencia de graves consequencias! O general, com o seu estado-maior, num dos extremos da praça, gozava até o delirio a impetuosidade com que os centauros do 11° se atiravam contra os "bahianos" do 4 e do 31!

Não satisfeito com aquellas paradas, talvez por serem muito espaçadas umas das outras, determinou elle que aos domingos, em frente ao seu quartel general, situado na ampla rua General Osorio, o corpo escalado para o serviço de guarnição daria todo pessoal de folga para uma parada publica, assim como o official para dividil-a, o qual se apresentaria montado. Foi um Deus nos accuda, para nós os "bahianos" do batalhão, quando tal prebenda foi publicada... Não, (vá lá o elogio), que nos faltasse competencia para o desempenho de tal missão, que, como se diz hoje, era "canja" para os "chronicos" daquella época! O que nos contrariava era irmos montados e, por isto mesmo, obrigados a fazermos mil e muitas piruetas na presença do chefe, além das "figueiras" que teriamos de "plantar" no durissimo macadam da majestosa arteria repleta de curiosos... Outra coisa tambem nos aborrecia sobremodo: perdermos a missa das 10 horas, onde contemplavamos, com verdadeiro extase, aquellas que, chamando-nos "desdenhosamente" de "bahianos", mais tarde vieram a ser "bahianas" tambem, graças ao travesso Cupido...

Por não montarmos como queria o chefe, não foram poucas as observações que elle nos fazia por intermedio do capitão-ajudante. Um por ter segurado no "Santo Antonio", outro por ter "socado cangica", outro por se não ter firmado bem nos estribos e muitas e muitas coisas mais...

Para evitarmos tantas e continuas observações, organizámos uma "escola" de equitação, que funccionava depois do expediente, sob a direcção do saudoso companheiro, campeiro de fama, filho de São Gabriel. Depois de muitas quedas e de muitas vaias da maninada da "aldeia" do 4° de artilharia, o nosso mestre nos deu por promptos. Não obstante os sacrificios feitos para bem montarmos, quasi jockeys, nem uma palavra elogiosa do chefe! Deante disto, o desanimo nos empolgou por tal fórma, que resolvemos "enfrentar" o general, dispostos ao que désse e viesse...

* * *

Havia no batalhão um alferes que, por ser meio das "arabias", não tinha sido ainda escalado para o martyrizante serviço de parada. Tratava-se do alferes X, vulgo "Borboleta". Por se tratar de um azougado capaz de entornar algum "caldo" no melhor da festa, o nosso major fiscal, hoje general reformado J. R. das N., com aquella sua bondade que sempre demonstrou, combinára com os officiaes passar a escala adeante sempre que esse serviço tocasse ao comprador de brigas e "corneteiro" nas horas vagas...

Sabedor da bôa intenção do major "Borboleta", não se conformou e correu a reclamar do general. No dia seguinte, quebrando a praxe em uso, o general, em seu detalhe, designava pelo nome o nosso "bahiano" para dividir a parada. Chamado á fala sobre a nomeação, "Borboleta" allegou que tambem era official e que a escala era para todos e assim como os outros officiaes "davam sorte", elle tambem podia dar. E rematou dizendo que o sol quando nascia era para todos...

No domingo aprazado, como natural curiosidade, com o fiscal pela frente, todos á paisana, faltando ao sagrado dever da missa, fômos apreciar as proezas do collega, que, por signal, montava um dos bellos e fogosos parelheiros do tenente Cogoy, um verdadeiro louco, com que transformava as ruas de Bagé em pistas de corridas... "Borboleta", vendo que o general o "namorava" ao contemplal-o cavalgando tão soberbo animal, pôs as "mangas" de fóra...

Quizesse o nosso "herõe" ter idó fóra do uniforme e desarmado podia muito bem, porque, naquelle momento, o general só tinha olhos para ver o parelheiro e as quixotadas do arreliado "discipulo" do nosso venerando corneteiro-mór, "Borboleta", como bom "chispateiro", áquella hora, com dois dedos de "canguara" a ferver-lhe no "quengo"... Assim "tinindo", sem dó nem piedade do pessoal, o Ferrabraz, em vez de dividir a parada, fez um verdadeiro exercito de corpo de Exercito de todas as armas conhecidas e por conhecer...

O general, cercado do seu estado-maior, chupando o seu "amargo", vibrava por ver tanta gauchada! Como complemento aos "seus vôos", "Borboleta", collocando-se á direita da força, que estava em linha, deu uma carga de bayoneta sobre o quartel general. Nessa occasião, do meio de curiosos, que não eram poucos, estrugiram palmas e vivas ao novo e furibundo manchêgo. O velho chefe, lembrando-se, talvez, da sua mocidade em campeiradas desenfreadas pelos pampas intermináveis, não se fez de rogado e, confraternizando com o povo, applaudiu vibrantemente o "batuta".

Finda a série de maluquices, e obtida a necessaria licença para recolher-se ao quartel, o "sortista" fez, por conta propria, um passeio pelas principaes ruas da cidade invicta, aos sons arrebatadores de dobrados da nossa banda de musica, que era mesmo, como se diz agora, da "pontinha"...

Não obstante o enthusiasmo do general, esperavamos que o terrivel "campeiro", tomasse alguma "lambada" para ser menos "mostrado". Puro engano — o nosso general, além de o elogiar calorosamente, ainda o dispensou do serviço por quatro dias, pela maneira correcta e garbosa com que desempenhára a commissão para a qual fôra escalado...

Esmagados pela "victoria" do "Borboleta", liquidados mesmo, assim como o nosso mestre, o saudoso "tio" Moreira, adoecemos de tal fórma, que as partes de "doente" tomaram caracter de epidemia...

JAYME DE CARVALHO.

(Das "Reminiscencias Militares").

O Senhor conhece os beneficios do Seguro de vida?

O Moderno Seguro de Vida constitue a maxima previsão contra as contingencias da vida actual.

Permitte ao homem: desdenhar do que seja o acaso; despreoccupar-se do futuro; trabalhar com tranquillidade; conseguir prosperidade; educar os filhos e proporcionar ao lar uma protecção digna, conseguida com o seu proprio esforço.

Quaesquer que sejam os seus proventos, uma apolice de Seguro de Vida da SUL AMERICA permittirá ao Senhor:

— habituar-se á economia systematica para constituir um capital ou uma renda, depois de um prazo determinado;

— gosar de um subsidio vitalicio, caso venha a ficar incapacitado permanentemente para o trabalho;

— dotar seus filhos com uma base segura para triumpharem na vida;

— assegurar a sua tranquillidade economica na velhice, bem como a de seus velhos paes;

— obter dinheiro em casos de emergencia, com garantia da apolice;

— legar a sua esposa e filhos, si o Sr. vier a faltar-lhes, um capital ou uma renda, livre de gravames e sobre o qual NINGUEM NO MUNDO TERÁ DIREITO, com excepção das pessoas beneficiarias.

E todas essas vantagens, dentro de uma só apolice, pagavel com facilidade e com premio modico.

Pense um instante no seu futuro e no de sua familia, e, SEM COMPROMISSO ALGUM, solicite á SUL AMERICA informações acerca do Seguro de Vida que mais lhe conviria.

3

Queira enviar-me SEM COMPROMISSO informações acerca do seguro que me conviria.

SUL AMERICA

C. Postal, 1946 — RIO DE JANEIRO

Nome..

Edade.......Profissão.........................

Somma que eu poderia economisar annualmente.

Rua...

Cidade....................Estado................

F. F.

SUL AMERICA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Para seguros contra Fogo, Maritimc, Accidentes pessoaes e Responsabilidades civis, dirija-se á

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACCIDENTES

Sob a mesma administração da Sul America

Sorriso indesejavel

Jean Romeau

O senhor Serrure era o mais desgraçado dos homens. Rico, viuvo e sem filhos, elle não sabia a quem legar a sua fortuna. Como ia fazer setenta annos, era necessario tomar uma decisão.

O sr. Serrure se esforçava para isso. Havia percorrido a lista dos seus sobrinhos e sobrinhas, de todos os seus conhecidos, procurando entre elles a pessoa mais sympathica: não achou uma só.

Insupportaveis, os seus parentes; geralmente odiosos os seus amigos. Todos elles eram de uma polidez, de uma solicitude, de uma chateza enervante. Elles lhe pediam perdão quando lhe pisavam o pé, e elle não gostava disso. Percebia que toda essa gente se interessava por lhe conquistar o coração, que o seu sorriso era para elle uma supplica.

Ah! o sorriso daquella gente! Elle chamava esse sorriso o *sorriso da herança*.

O sr. Serrure se concentrava, quando o via nos labios dos seus conhecidos e amigos. Era um sorriso feito só para elle; um sorriso de ataúde, onde os olhos se aguçavam, os dentes se alongavam, como os de um cão de pobre que passa por um açougue. E todos os seus conhecidos possuiam aquelle sorriso antipathico.

• • •

Sim, o sr. Serrure era um homem desgraçado. Quem poderia ficar com a sua riqueza? O ideal seria legal-a a um ser simples, bom, piedoso, e que não soubesse sorrir. Mas existiria, acaso, essa creatura? Elle só conhecia o seu cão, que não sorria. E o codigo não permittia que se legassem fortunas a animaes. De resto, os irracionaes não acreditam que o dinheiro compre a felicidade, e o sonho de Medor não se devia comprar a 3 %.

Sem contar com o seu cachorro, o sr. Serrure havia notado duas ou tres crianças, cujos olhos não se accendiam de cubiça, quando elle se aproximava.

Mas que illusão! Elle sabia que em breve os garotos teriam aquelle mesmo sorriso. Não, elles não herdariam a fortuna.

Então? Devia deixar a sua bella fortuna ao Estado? Para que? O sr. Serrure não esperava ser condecorado.

Seria mistér fundar hospitaes? Crear um premio para os poetas indigentes? Não. Não era possivel.

• • •

Um dia, como estivesse em villegiatura na sua villa de Bois-Colombes, o sr. Serrure se sentiu particular-

mente empolgado pelo angustiante problema, e decidiu, de repente:

"A primeira pessoa que sahir daqui, homem ou mulher, velho ou criança, branco ou negro, será o herdeiro da minha fortuna. E' simples. Não terei mais que pensar nisso. Sim, sim, entrego tudo ao acaso!..."

Mas o sr. Serrure chamou o criado, pediu a bengala, o chapéo, poz os oculos no nariz e dirigiu-se para a porta e torceu o botão com mão firme.

* * *

Fazia frio. O dia terminava. Ameaçava chuva. O sr. Serrure lançou os olhos investigadores á direita e á esquerda. Não viu ninguem.

Subito, a dez passos, ouviu um homem sahir de um terreno devoluto.

—Ah! eis o herdeiro! — disse o sr. Serrure. E' o enviado de Deus!

E elle encarou o desconhecido.

Era um forte rapaz de vinte e cinco annos.

Dirigindo-se ao sr. Serrure, com o cigarro apagado, elle lhe pediu fogo.

Mas o sujeito era um ladrão: roubou o relogio e a carteira do sr. Serrure.

Como este estremecesse, o assaltante lhe mostrou uma faca luzidia.

O sr. Serrure empallideceu. Elle estava errado em tudo. A sua inspiração não parecera feliz á primeira vista.

Mas, depois?

O diabo é que o homem não sorria.

—Meu amigo, arriscou o sr. Serrure, quer fazer o favor de me dizer o seu nome?

—Para que? Que te interessa isso, ó patife?

—Gostaria de sabel-o.

—Ah! querias ir á policia? Espera que te ensino.

—Com licença, meu amigo.

E o ricaço explicou-lhe que tinha boas intenções.

—Bem. Nesse caso...

—Perguntei o seu nome para lhe legar a minha fortuna; queria fazer testamento em seu favor.

—Que diz o senhor?

O sr. Serrure confessou-lhe a sua intenção.

O ladrão duvidou do que elle lhe dizia, com ar de escarneo.

—E' preciso que deixe a minha fortuna a alguma pessoa.

—E o senhor tem tanta gente a quem deixal-a... Mas é rico?

—E' verdade. Possuo casas em Paris, uma aqui, no bairro, 3 %, alguma *fusão* antiga.

—Oh! mas o senhor paga a minha cabeça.

—Não, não, rapaz. E si quizer ir ao meu notario... Não é longe daqui.

—Senhor, estou verdadeiramente confuso. Como eu lhe agradeço! Tome! Eis aqui a sua bengala. Ella tinha cahido por terra.

—Não se incommode.

—Oh! Por que não? Por que não?

E o ladrão, tendo limpo a bengala, lh'a estendeu com o *seu melhor sorriso...* Vendo esse sorriso, o testamenteiro estremeceu.

—Bandido! Tu, tambem?

—Mas...

—Rouba-me, apunhala-me, porém não me sorrias.

—Comtudo...

—Não ha *comtudo*, nem meio *comtudo*... Como? Continúas, miseravel? Espera um pouco! Vou te corrigir como bem mereces.

E, fora de si, o sr. Serrure brandiu a sua bengala, bateu no ladrão, o personagem odioso, o apache que, ao pensamento da herança, havia sorrido para elle.

O vagabundo saltou, abotoou o sr. Serrure e procurou a sua faca.

Mas algumas pessoas accorreram. E o ladrão resolveu fugir.

O sr. Serrure adoeceu. Delirou a noite toda. Os seus parentes se acercaram delle. Benevolamente, elle lhes contou a sua aventura. Os seus parentes se consultaram. E dias depois elle era enviado para o hospicio, com um attestado em regra.

* * *

Estando officialmente louco, o sr. Serrure não podia mais testar, pois o seu testamento seria sem valor.

Os seus sobrinhos e sobrinhas vão visital-o de quando em quando. E, agora, como elles estão certos de partilhar a fortuna — sendo herdeiros legaes — *elles não sorriem mais* — pelo que o sr. Serrure fica muito agradecido a todos elles.

RECIFE (Pernambuco) — O correio me trouxe uma carta, datada de Recife, onde encontrei dois artiguetes aggressivos, recortados de jornaes, e que são dois ataques á minha obscura pessôa.

Um dos autores dos citados artiguetes é chronista policial; o outro é poeta clandestino. Não lhes revelo os nomes, porque seria concorrer para que elles se tornassem conhecidos, á minha custa. Essa honra não lhes darei.

Por isso, chamarei ao poeta, D. Quixote; ao chronista, Sancho Pança.

O chronista, para se defender de uma garotagem que fizeram com elle, escreveu uma catilinaria contra mim, na qual declarou que a "minha personalidade literaria não lhe interessava". Depois, não contente com isso, sentou-se á sua *Remington*, produziu outra insolencia; recortou, de outro jornal, a arenga de D. Quixote — o tal poeta — e metteu tudo num registrado, que endereçou á minha pessôa. Charuto no bico, depois de uma feijoada pernambucana, atirou-se a um *mapple*, e se poz a antegozar o desespero em que eu havia de ficar, com essa "destruição" summaria da minha personalidade literaria.

Notem bem: o homem fez tudo isso, porque não me dá importancia. Imaginem agora si a coisa fosse ao contrario...

O outro — D. Quixote — ainda é mais pueril. Escreveu um artigo violento, fazendo vêr que sou um cretino, um imbecil, e que o meu livro — "O Suave enlevo" — é um repositorio de asnices.

E, no fim de tudo, pergunta, com ares de D. Quixote, que combate moinhos á distancia: "Quem é que conhece por aqui o sr. Bastos Portela?" A D. Quixote, respondo: Ninguem. Excepto D. Quixote. E como esse novo cavalleiro da Triste Figura deve ser uma "mentalidade" de "escol", em Recife, segue-se que o seu artigo foi lido, certamente, por toda a população pernambucana. E para que hei de querer maior popularidade, depois disso?

Outro aspecto do caso. Esse D. Quixote deve ser algum conceituado poeta da praça recifense. Elle ficou possesso porque lhe atirei á cesta dois poemas seus, que lhe haviam gravado ao pé da estatua de... barro.

Por causa de dois poemas? Elle que é um abastado fabricante de versos? E' ser muito sovina! Fazer caso de duas poesias mediocres, quando possúe um *stock* formidavel de versalhada!

Indiscutivelmente, esses dois escriptores estaduaes são deliciosamente hilariantes!

Elles falam como si fosse eu o poeta ou o chronista que deve ser enviado ao fundo da cesta; e cada um delles, o Yves a quem pediram a opinião literaria...

O carro adeante dos bois.

NELSON (Pernambuco) — Os seus flagrantes poderiam ser aproveitados, si não fosse o assumpto que explorou e nada tem de elegante.

Vejamos este capitulo:

"Uma preta velha e gorda tem á cabeça uma grande trouxa de roupas. Provavelmente uma lavandeira de "Dois Irmãos". Vem um bonde dessa linha.

— Para lá! — grita do reboque.

O bonde pára e o conductor fazendo espirito:

— Minha tia vae tomar!

— Sae-te, malandro, eu sou tia de amarelo..."

De facto era amarello de mais o conductor."

Vê-se que o sr. sabe escrever. Mas o que nos offerece são flagrantes do *bas-fond* recifense. Por que não nos conta da vida *chic* do Recife? Flagrantes da Rua Nova, das casas de chá, das corridas, das recepções diplomaticas, do *footing* em Boa Viagem, etc., etc.? Por que?

E' essa literatura de caracter mundano que interessa ao Fon-Fon. Nada tambem de futurismos idiotas, reveladores de incultura literaria.

CENDRILLON (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha. Vejamos o que v. ex. me escreve:

"Yves Amigo. Permitti fazer tres perguntas? Sim? Muito obrigada. — Primeiro: Quando virás a São Paulo? Por que não agora e só em Setembro que veremos Uma "garçonne" carioca?

Não calculas a anciedade das paulistas! Será um verdadeiro successo vaes ver. Poderias dizer qual é o endereço de Benjamin Costallat e se é difficil obter d'elle um autographo? Muito agradecida desde já, a resposta d'esta no "Saibam todos".

Vaes dizer que sou curiosa, mas... é tão bom ver satisfeita uma curiosidade. Quem é a dona do album, que tens em tua gaveta? Quer responder esta pergunta?

Será muita attenção da sua parte para com esta admiradora tão modesta não? Se achar que não deve responder... não responda. Mas mesmo assim, serei sempre uma grande admiradora da intelligencia fidalga, do espirito fino de Bastos Portela.

Um adeus e toda a admiração de

CENDRILLON."

Aqui vão as tres respostas que lhe devo:

1º — Pretendo ir a S. Paulo no fim do anno. E conto almoçar e jantar, todo o tempo em que ahi estiver, em casa dos seus illustres paes...

. . . .

Estou brincando. Não vá ter uma syncope. Eu irei para um hotel baratinho...

2º — O meu romance *Uma garçonne carioca* deve apparecer em

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 23 - 8 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

setembro, porque ainda o não concluí. Falta-me tempo para escrevel-o.

3º — O endereço de Benjamim Costallat é — redacção do "Jornal do Brasil". Só elle lhe poderá informar sobre o autographo. Escreva-lhe, e diga que eu a aconselhei a isso, e v. ex. será attendida com sympathia. Elle é um amigo sincero. Quero-lhe grande bem. E acho que é um escriptor vigoroso, de merito indiscutivel.

4º — A dona do album é a joven escriptora de 16 annos, Conchita Cid.

5º — Deus lhe dê um noivo rico, muito rico, mesmo pobre de intelligencia — Amen.

NILSA ROSA (S. Paulo) — Oh! E' deliciosa a sua carta. Ella vale mais do que a correspondencia de todos esses poetas impertinentes, que nos asphyxiam com essas montanhas de versalhada e que depois nos descompõem em calão da Favella, quando vão para a cesta.

Uff!

A sua missiva, de um rosa pallido, é, pelo menos, muito divertida. Tão divertida que não resisto ao desejo de publical-a.

Dá licença?

"Snr. Yves. Não esperava tanta gentileza de sua parte, dando publicidade a sua graphologia. Agradecida.

A sua perspicacia desta vez não

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

feriu o alvo. Julgava o senhor acobardar-me perante o seu convite, não foi? No entanto tal não se deu. Não tive nunca a preoccupação em apparentar menos idade que tenho. Que vale o physico perante a alma? Desta sim é que cuido e tenho-a bem joven. Que nos importam os annos quando ella é sã e moça? Não sou poetisa nem escriptora e assim sendo, enquanto vivo um anno os dualistas vivem dois. Que serve a gloria se ao attingil-a embora o physico moço a alma muitas vezes esteja morta? Enquanto seguimos a marcha compassiva da vida, aquelles atravessam-na em uma vertiginosa corrida.

Meus cabellos já vão prateando, e, que tem isso? A prata fica tão bem sobre o ouro!... Até os pés de gallinha mesmo temidos pelo sexo forte, não actuam sobre a minha alma.

Não foi preciso muita coragem para lhe dizer: Tenho 39 annos.

Veja o senhor como foi facil a minha confissão. Contei-lhe minha idade sem siquer pedir descripção. Agora só espero o comprimento de sua palavra, mandando o doce promettido.

Comprimentos de — *Nilsa Rosa.*"

"Q. S. Peço-lhe o favor de informar-me, aonde poderei encontrar a Casa Destelhada de Rodrigues de Abreu."

Muito grata. — *Ni Rosa.*"

Diz v. ex., heroicamente: Tenho 39 annos". E reclama a caixa de bombons, que lhe prometti. Ora, estou no direito de exigir o seu registo civil, afim de cumprir a minha promessa. Quando uma dama declara que tem 39 annos é que ella supprimiu nove, no minimo.

Quanto á minha graphologia, feita pelo escriptor Padua de Almeida, devo dizer que elle foi muito benevolente. Omittiu os meus defeitos, que são: egoismo (não confundir com sovinice ou com essa preoccupação que é querer tudo para si), violencia, alimosia, inflexibilidade, orgulho, altivez e outros que não interessam a ninguem. Vê? Isso é que é coragem!

A "Casa Destelhada", de Rodrigues de Abreu está á venda nas livrarias de S. Paulo.

NIANZA (Pará) — Teria muito gosto em fazer o estudo de sua graphia. Mas, infelizmente, (para v. ex.) e felizmente (para mim) resolvi fazer-me pagar por cada estudo. E si eu abrisse uma excepção para v. ex. — não cobrando o vale de 30$000 — iria descontentar os que me pagaram para isso. Sou-lhe muito grato pelos elogios que faz ao O Suave enlevo.

A "POLO PLAYER"

LAURO MENDES

SONIA VALDEZ entrou a galope picado na "cancha" de polo do Gavea Golf and Country Club, despertando, com sua entrada, um mixto de sensações. Pelo aristocratico campo espalhava-se o "smart-set" do Rio de Janeiro, e o elemento inglez e norte-americano dava um tom bizarro á concorrencia com o seu vestuario pratico ainda não adoptado em climas tropicaes. Na archibancada, destacava-se a tribuna de honra, onde o presidente da Republica dava um tom de democracia ao lado do prefeito da cidade. E, pelo pateo, vestidos a "Patou" e "Lelong" ao lado de fracks a "London Tailors".

Disputava-se naquelle dia o primeiro encontro internacional entre a equipe de "Los Indios", de Buenos-Aires, e o aristocratico *team* do Gavea Golf. E á valorosa turma nacional pertencia, na sua bizarra montaria, a lindissima Sonia Valdez, filha do pampa rio-grandense, e ha pouco divorciada do marido, rico banqueiro de Curityba. Corridos em parada de animaes, defrontaram-se os dois quadros para as saudações do estylo. Apertaram-se as mãos e um polista argentino, mais ousado, adeantou a sua montaria e depositou um beijo na mão enluvada de Sonia Valdez. Houve um movimento de assombro pela assistencia por aquelle espectaculo mil vezes mais delicioso do que a luta que se ia travar. Como unica resposta, Sonia Valdez juntou o seu animal em valente esporada, e, si não fora a agilidade do adversario, certamente teria a sua montada derribada pela da moça cavalleira.

—

Iniciou-se o jogo. Logo no primeiro "chuker" a nossa equipe fez ataque esse sem resultado, devido á mestria dos "Indios", conhe- á maestria dos "Indios", conhecidos como mestres mundiaes de polo, e mesmo em virtude da vantagem, que tinham sobre os adversarios, de possuirem uma cavalhada treinadissima naquelle mister. E o "chuker" terminou pela victoria dos argentinos por 3x0.

Logo no inicio do segundo "chuker", Sonia Valdez, depois de confabular longo tempo com o capitão de sua equipe, entrou em campo com arrogancia e galanteria. E, como que inexplicavelmente, dir-se-ia que a equipe argentina perdêra toda a sua efficiencia, de tal maneira se vinha conduzindo, parecendo mesmo que preparavam o jogo para a linda adversaria que lhes tomava a frente. E os companheiros de Sonia conseguiram desempatar a partida depois de empatal-a, terminando o tempo com a victoria dos brasileiros por 5x3.

Mas, inesperado accidente sobreveiu. Sonia Valdez substituira o freio do seu animal, que ficou assim com toda a força possivel, e encabritando com o reboar dos applausos, tomou o freio nos dentes, e, saltando a grade, galopou em direcção á estrada da Gavea. Grande reboliço estabeleceu-se nas archibancadas e uma avalanche de cavalleiros lançou-se no encalço da bella polista, e á frente dos inesperados salvadores destacava-se Luiz Pereda, o mesmo que ao ser iniciado o jogo, lhe beijára ousadamente a mão enluvada.

Sonia Valdez fôra impotente para conter o seu animal, ardego ginete do pampa, e não poude, assim, impedir que elle tomasse a direcção dos penhascos que se debruçavam sobre a praia da Gavea. Luiz Pereda conseguiu alcançal-a quando o animal, cançado, recuava teimosamente para a borda do abysmo. Um segundo mais e a montaria despenhar-se-ia no vacuo com a sua cavalleira. Luiz Pereda esporeou vivamente a sua montada, e, correndo ao encontro de Sonia Valdez, tomou-a pela cintura com um vigoroso esforço, tirou-a da sella e sentou-a sobre a pedra. Um segundo mais, seria tarde.

— *Está pisada, señorita?*

— Não — respondeu seccamente Sonia, com uma seccura que surprehendeu ao polista, com um mixto de gratidão e desprezo.

Encarou-a surpreso:

— Creio que preferia ter ido conhecer as aguas do mar...

— Não. Mas vou mandar crear uma ordem do Salvador para agraciál-o por ter salvo uma Valdez...

Nesse interim, chegaram os outros cavalleiros, e durante o trajecto de volta, Sonia Valdez não deu uma palavra. No seu intimo revolviam-se, desesperados, os seus sentimentos. Como brasileira, achava que não devia agradecer o gesto galante do polista. Como mulher, reconhecia que estava vencida. E a tarde terminou sem mais incidente...

—

Mas Luiz Pereda não era homem que se contentasse com isto unicamente. Expuzéra a sua vida, "cinematographicamente", pela brasileirinha, e achava-se offendido com a attitude sobranceira que ella mantinha. Soubéra, além disto, que ella era divorciada, que tinha uma filha, e que surprehendia a alta sociedade do Rio com suas attitudes. E para elle, joven rico, *sportsman*, de passagem pela capital, ser-lhe-ia gratissimo levar em sua bagagem amorosa mais aquelle triumpho. E naquella mesma noite um "chasseur" todo agaloado lhe entregava, na Avenida Atlantica, uma caixa de flores rubras, onde como uma perola branca, se destacava o seguinte cartão:

"Luiz Pereda saluda y pide para buscar-la en su coche a las 5 de la noche..."

—

Sonia escrevia em sua secretaria de mogno, quando lhe entregaram a mensagem. Ficou aturdida com o inesperado da situação, que ella julgava terminada com a seccura com que acolhêra o argentino. Mas, tinha deante de si talvez uma amarga decepção. Naquelle momento pensava no marido, de quem se divorciára havia pouco por questões de familia. Do casamento, que a sociedade julgava infeliz, houvéra ella uma filhinha um anjo louro que, nos seus tres annos, dormia naquelle mesmo quarto onde sentia pela primeira vez a tentação de trahir o juramento conjugal, muito embora

(*Conclue no proximo numero*)

CADA NOVO PROPRIETARIO TRAZ MUITOS NOVOS COMPRADORES

O cunho de individualidade do De Soto Six produz uma impressão instantanea e indelevel no espirito dos automobilistas. Innumeras pessoas ficam immediatamente captivadas pelo seu encanto e pelo seu estylo apurado. Esta é a razão de ter a procura do De Soto Six excedido todos os recordes de venda para um carro novo no mercado.

Existem agora mais de 100.000 proprietarios de carros De Soto Six, os quaes estão continuamente pondo á prova o funccionamento destes soberbos carros, fazendo-os rodar muitos milhões de kilometros. Na opinião desses proprietarios, o De Soto Six é um auto de energia infatigavel, um viajante seguro, forte e economico, um verdadeiro "carro de raça".

Esses proprietarios vão divulgando as vantagens excepcionaes do De Soto, louvando as suas extraordinarias qualidades, communicando o seu enthusiasmo por elle. E assim, por ser um carro que tem alcançado durante o seu primeiro anno de existencia um renome que parece inacreditavel, o seu successo vae se tornando maior de dia para dia.

DE SOTO SIX

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

Verifique os novos preços da tabella, na :

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S/A

AV. RIO BRANCO, 247

Officinas: RUA DOS INVALIDOS, 133 — RIO

A Ultima Petala

O grupo era encantador.

Um pendão de rosas humanas entreabertas. Loiras e morenas. Bellas? Sem excepção! Que melhor attestado de belleza que os vinte annos?

E o velhinho querido, sentado em um confortavel "mapple" da varanda do palacete de seu irmão, só distinguia a brisa amena do halito das jovens pelo seu perfume doce!

E a mais vivaz do circulo, a formosa Rosa Maria, suavemente morena, cabellos castanhos, labios finos, alta, esbelta, leve, a que mais encantava o tio Gerardo, tirou de uma "corbeille" uma rosa branca e despetalou-a na cabeça do velho... Rindo, as risadas mais sonoras que o chilreio dos rouxinóes, as companheiras gritaram:

— Olhem o tio Gerardo! Parece um noivinho sahindo da egreja!...

O velho franziu o sobrecenho e passou o lenço pela face enrugada, corado como um bretão...

E as meninas, encantadas, arremataram a phrase:

— Vejam! Rosa Maria encabulou o tio Gerardo!

— Quem, eu encalistrado? Que idéa, meninas! Vocês nem respeitam o velho!

E Rosa Marie, com a sua eterna mania de exprimir-se em francez, sahiu-se com esta:

— *Et pourquoi tu piques le soleil?!...*

Uma nova risada contaminou a roda.

— Ai! Ai! Ai!... vocês não sabem o que estão fazendo... Rosa Maria, sem querer, despetalou o rosal das minhas recordações nas petalas dessa flor como outr'ora!

Calou-se, de repente, mordeu os labios e, apertando as mãos, lançou a vista para o mar, que a lua illuminava e fazia pensar no amor e seus capitulos... um barco... uma canção... um beijo!...

— Ora, tio Gerardo (todas ellas o chamavam tio por amizade, por sympathia) commoveu-se por tão pouco!... Eu não sabia! Perdôe-me! Não foi por querer!!

E, maliciosa, piscando para as companheiras, Rosa Maria disse:

— Tio Gerardo, por que o senhor não casou? Foi sempre moço, elegante, bonito, como reza a chronica de seu tempo e não encontrou uma moça que o amasse?... E' curioso! Aposto como não foi o senhor a victima"!

— Eu é que não fui a victima!... Pois não sabem quanto eu soffri por amor, por esse amor tão grande que eu nunca pude esquecer! Por isso é que eu não me casei nunca!...

— Conte-nos, tio Gerardo, conte-nos a sua historia de amor!

— Para que relembrar, meninas?... Eu soffreria ainda...

E como os rapazes viessem buscar os seus pares predilectos, o velho suspirou... Mas o coração de Rosa Maria e de Arabella ainda estavam inquietos de amor e sómente ellas se desculparam e ficaram a demover o velho... Arabella e

— Já e já, tio Gerardo! Póde começar!

...somos muito discretas e saberemos guardar a sua historia no fundo de noss'alma, como o unico frasco digno do aroma do amor! Comece pela phrase interrompida ha pouco... Vamos: "—como outr'ora..."

—Sim, como outr'ora ella desfez as minhas illusões"... Rosa Maria, ella tinha vinte annos. Eu, pouco mais velho dois annos, amava-a em segredo, ha muito! Via-a e sentia que a amaria sempre... Ella era alta e esbelta como você e como os seus eram castanhos os seus cabellos. Téz de ... Rosto oval. Muito culta... muito querida... Eu a seguia com os olhos em toda parte, evitando sempre que ella o comprehendesse e eu me transformasse num importuno! Timido? Talvez; o amor, quando é muito grande, transmuda o fraco no forte e o forte no fraco! E' um respeito tão religioso, que commove e enternece! Mas, como "amor e tosse não se esconde", ella veiu a saber quanto eu a queria! Foi um bem? Foi um mal? Só muito tarde o souba! Animei-me dahi a cortejál-a melhor... Dansei com ella muitas noites, e como sempre fui muito realista, embora poeta, julguei inuteis madrigaes na vida real!...

"Ella devia saber que, apesar de joven que era, eu já tinha um nome na medicina e era um homem digno! Com tal confiança em meu caracter, que ella devia tambem conhecer, enviei-lhe uma caixa de ... preludiando o noivado! Sabem qual foi a resposta daquella que eu tivera tanto tempo por um modelo de todas as virtudes, entre ellas a da delicadeza?...

"Um longo silencio... e depois o martyrio maior... A primeira occasião em que nos encontrámos num ..., fingiu com a mais infeliz "pose" não me ter visto...

"A decepção foi grande, não ha duvida, não por que ella não me tivesse amado, nem porque a amasse ... Não, porque não fôra a ella a quem eu amara... mas a uma joven distincta e educada, que, ao se saber amada e não desejando corresponder, seria ... mais delicada... Agradecesse e soubesse ser mulher, symbolo dos sentimentos nobres, e sobretudo ...! A cortezia é a algema sublime que prende as almas!

"Seria fria! Quem não sabe distinguir entre educação e affecto?... O mais cego saberia comprehender e afastar-se, mas levando della melhor impressão... Foi por isso que eu nunca mais amei mulher! Julguei-as todas por uma só!... Ah! ... uma negligencia, uma simples falta de attenção ... mais a alma, que, talvez, uma infidelidade! Eu ... poeta! Tinha talento e, si proseguisse, quem ... o poeta apagaria o nome do mendigo de hoje ... não quiz!... Não quiz abrir ao mundo coração ... Quem não saberia tambem comprehender um ... de amor!... Quem não comprehende rosas, ... poderá comprehender doçura!... Agi bem, certamente! Nunca mais pude traçar, com a penna, os ... longos que se perdiam na noite negra de meu coração! Calei-me. "O silencio na dôr conserva a dignidade d'alma!" E sómente você, você Rosa Maria,

SENHOR "ADRESSE"

De HORMINO LYRA

JULGAM mestres em questão de vernaculidade portugueza ser feio gallicismo o emprego de *adresse*, vocabulo de pura francezia, perfeitamente dispensavel quando posto em uso em logar de *endereço*, *indicação de moradia*, e inadmissivel quando empregado por *adereço*: "um *adresse* de brilhantes!"

Verificou-se uma scena interessantissima entre formosa, affectiva senhorita — a quem parecia haver a natureza dotado de talento para falar em publico — e elegante, discreto cavalheiro; isso, por ignorancia daquella ou por manifesta antipathia ao termo controverso.

Dançava a gentilissima senhorita com o bacharel Luiz Constante, no Tijuca-Tennis-Club. Este, justiça lhe seja feita á belleza mascula, era homem predestinado a inspirar paixões. Era, sim; porem pouca importancia dava ao sexo fragil.

Muito requestado e até galanteado pelas mulheres, achava facilidade nas conquistas amorosas e, dahi, a sua indifferença pelas encantadoras embaixatrizes da formosura e da graça.

Dulcissono ao tratar com os homens de bôa sociedade, cheio de quindins ao falar com as senhoras e senhoritas, vivia a sonhar tudo quanto lhe poderia acontecer depois de conseguir celebrar as escripturas de um casamento em bôas condições monetarias.

Pulseira de élos finos, debeis no braço direito, paletó cintado, justo ao corpo esculptural, calças com friso irreprehensivel, sapatos á canoinha, bastão impeccavelmente artistico, óculos de tartaruga, collarinho alvo, gonilha em miniatura, cabellos lisos, corredios, deixando ver a grande testa, onde, na opinião da encantadora femilidade, devia estar bem acondicionado um grande talento, — não era namorador o bacharel Constante, affirmavam as melindrosas conhecedoras dos bons costumes delle.

Um dia, resolveu ser chefe de familia *jure et facto*: apaixonou-se pela formosa, affectiva senhorita com a bôa intenção de se casar, desejou com ardor possuil-a, a ella que, por sua vez, possuia tambem e apenas dois mil e tantos contos, fortuna já recebida por morte do progenitor.

Apaixonou-se calculadamente Luiz Constante, cujo sobrenome era já penhor de bom marido. Na verdade, diziam que em constancia e delicadeza nenhum esposo o poderia superar; o sobrenome não seria verdadeiro contraste, como sempre acontece.

Sentiu-se commovida a senhorita Olivias das Oliveiras quando recebeu a grande distincção de ser convidada a dançar com elle. Sentiu-se commovida, mas nem por isso lhe deu a perceber a sua sensibilidade. Quiz mostrar-se-lhe superior, por o saber muito pretendido pelas companheiras, e achou discreto e sisudo não se trocarem os papeis: si della gostou o distincto cavalheiro, que a requestasse; não, ella a elle!

Luiz Constante era psychologo; comprehendeu-lhe o innocente ardil e deu-se gostosamente por vencido. Confessou-lhe em poucas palavras, em vibrantes phrases, a impressão agradavel que lhe inspirára a senhorita.

O sorriso, que aflorou aos labios da graciosa Olivia, disse-lhe os agradecimentos do formoso coração; e os olhos, que ella no cavalheiro cravou, contaram ao cavalheiro toda a alegria da sua alma.

Terminada a festa, manifestou elle ardente desejo de epistolarmente se corresponder com ella.

— Responde-me? consultou o bacharel.

— Não sei ainda. Vou combinar com mamãe... Sabe, doutor, essas cousas...

— E o seu *adresse*?

— Como?

— Pergunto pelo seu *adresse*...

— Ah! Francamente... não conheço. E' algum amigo seu esse tal senhor "Adresse"?

A ULTIMA PETALA

(Conclusão)

com a sua graça e ternura, teve o poder de me fazer falar... porque você serviu de estudo á alma feminina... Você resurgiu, em mim, a adoração pela mulher, ente sublime e delicado!..."

E o tio Gerardo, querendo occultar um soluço, não falou mais... Fazia-se tarde! Arabella e Rosa Maria deviam partir e despediram-se do tio Gerardo, commovidas... Já em meio do caminho, Rosa Maria voltou... Nada disse... Olhos cheios de pranto... Num relance, beijou a fronte do velho, penalizada, e desappareceu como um raio de luz que se perdesse nas trevas do salão... E elle nem a poude ver com os olhos cegos de lagrimas...

— Ha quarenta annos, lembrava o velho com seus soluços, ella era tambem assim! Tão bella, mas nem meiga, nem vivaz, fria e altiva!...

Rosa Maria só lhe herdára o physico e o nome... Mas o beijo carinhoso e puro daquella que podia ter sido sua filha foi tudo... Uma dôrzinha aguda, estranha, feria-lhe o coração, emquanto elle esquecia a magoa antiga, o desprezo que sentia pela sua amada de outr'ora... a mãe de Rosa Maria morta ha muitos annos...

E elle sentiu, então, que a amargura de hontem se transformára hoje em um sentimento muito doce, o mais sublime do amor como um espinho que se transmudasse na ultima petala de rosa da velha roseira!...

E o coração do poeta compôz a ultima estrophe do sonho, juntando as petalas brancas, resto da flor que Rosa Maria derramára, na lage fria, osculou-as e lançou-as ao luar com a petala de amor de seu perdão...

E o mar, lá em baixo, soluçando, enxugava as lagrimas no lenço rendado da areia e a lua sensitiva e doce se fez ainda mais pallida no desmaio desse sonho de mor!

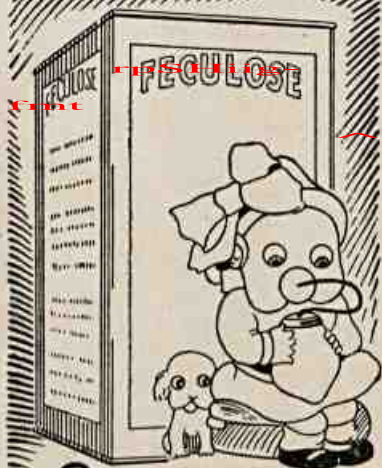
•

Quando a madrugada fosse um oceano de sangue, já não viria mais um gesto do velhinho... O tio Gerardo deixou cahir os braços... O coração doía tanto... Mas ainda teve forças para dizer: "Rosa Maria!..."

R.H.
Leandro
Martins e Cia
Decorações - Moveis
Architectura
rua do Ouvidor 93-95
Rio.

MAPIRUNGA

Joseph Conrad, o grande romancista polono que escrevia em inglez, o homem de letras que teve maior publico e recebeu as maiores honras ultimamente, correspondia-se com frequencia com os amigos que tinha em França. Entre estes, conta-se Jean Aubry, o qual acaba de publicar, sob o titulo *Lettres françaises*, innumeras epistolas de Conrad. Na ultima, datada de 22 de julho de 1924, doze dias antes da sua morte, dirigida ao proprio Jean Aubry, o escriptor slavo diz-lhe: "Je vous envoie le livre de don Roberto selon son désir." E Aubry esclarece em nota qual o livro: "*Mapirunga*, de Gustavo Barrozo, traduit par R. B. Cunninghame Graham (W. Heinemann, ed. Londres. 1924."

Mapirunga é uma das novellas que constituem o volume *Mula Sem Cabeça*. O grande escriptor inglez Roberto B. Cunninghame Graham verteu-o para o inglez numa edição de luxo, em papel imperial do Japão. O *Times* e o *Morning Post* fizeram-lhe referencias elogiosas e a tiragem em pouco tempo se esgotou. Joseph Conrad teve o livro nas suas mãos pouco antes de morrer e remetteu-o a Jean Aubry. Eis como elle é citado na collectanea de sua correspondencia.

Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro

EXCURSÃO A MONTEVIDEO E BUENOS AIRES

MAGNIFICA OPPORTUNIDADE PARA ASSISTIR A'S FESTAS DO CENTENARIO DO URUGUAY E VISITAR A LINDA CAPITAL ARGENTINA NOS EXCELLENTES NAVIOS:

"Alte Jaceguay"	10.000	toneladas de deslocamento
"Baependy"	11.089	" " "
"Campos Salles"	10.203	" " "
"Duque de Caxias"	7.461	" " "
"Santos"	10.203	" " "

Rs. 600$000 comprehendida a hospedagem no proprio paquete durante a permanencia nos diversos portos de escala, inclusive

7 DIAS E 6 NOITES EM BUENOS AIRES—3 DIAS NA IDA E 3 NA VOLTA EM MONTEVIDEO

RESERVAE SEM DEMORA A VOSSA PASSAGEM EM UM DOS CONFORTAVEIS PAQUETES DO "LLOYD BRASILEIRO".

Sahidas do Rio de Janeiro: **10 de Setembro "CAMPOS SALLES" 25 de Setembro" SANTOS" - 10 de Outubro "DUQUE DE CAXIAS"**

Secção de Passagens - 2/22 Rua do Rosario

Bagatelle

110, OUVIDOR
4-3755

As mais lindas flores naturaes, as mais bellas e artisticas «corbeilles», V. Excia encontrará sempre em "BAGATELLE" — a casa predilecta da elite carioca.

Notas de Arte — Oscar D'Alva

CORO — PLATOFF DOS COSSACOS DO DON — O mais sensacional acontecimento artistico da ultima semana e um dos mais notaveis a que temos assistido, foram os espectaculos do Theatro Lyrico, onde se exhibiu o *Côro Platoff*, constituido por antigos combatentes da Russia Branca, os Cossacos do Don, assim denominado em homenagem ao Conde Platoff, atamane ou marechal desse antigo exercito russo, e dirigido pelo ex-official do mesmo exercito — Nicoláo Kostrukoff.

Esperado embora com grande sympathia e ansiedade, pelo renome adquirido em varias capitaes da Europa e da America, excedeu o Coro russo á espectativa de todos.

Imaginem-se 30 vozes, onde se encontram todos os gráos da escala canora, desde o baixo ao soprano — que, cantando em falsete, homens supprem as vozes femininas, e o fazem quasi sem se perceber o artificio — combinadas com perfeição, por assim dizer, absoluta; vivendo — entre esplendores de sonoridade, potencializada a um gráo de suprema belleza pela intensidade, pela extensão e pelo timbre — canticos religiosos e canções populares, hymnos de guerra e cantos de amor, e ter-se-á uma idéa aproximada do que foram as admiraveis e admiradas audições.

Mas não é só. Imagine-se ainda que a grande massa coral não é apenas um systema de vozes, é tambem um conjuncto de instrumentos; não é só côro, é tambem orchestra. Desdobra-se numa dupla polyphonia, em que se tem a illusão de estar ouvindo cantores secundados por instrumentistas. Acompanhando o coral, ouvem-se violinos e flautas, violoncellos e oboés, contrabaixos e flautins; quase todos os naipes de orchestra encontram-se no Coro dos Cossacos. Esplendido!

No meio de tantas bellezas que o publico e a critica não cessam de applaudir, que muitas vezes foram bisadas, difficil é assignalar o que mais impressão causou. Mas a nós empolgaram-nos especialmente: *Senhor, inspirae mim!*, *prece* e *Marchemos contra o inimigo*, de Archangelsky; *Em frente ao fogão*, de Sumsky; *Dorme, filhinha*, e *Flores do outomno*, de Schumsky; *Os barqueiros do Volga*; *Os sinos da noite*, de Trailine; *Os Cossacos* e *Marcha*, de Kolatiline; *Descansae, heroes cahidos gloriosamente*, de Kornailoff; *Campanas de Natal*; *Louvado sejas, Senhor!*, de Bortujansky; *Bandurra*, de Dawidowsky; *Descripção da floresta*.

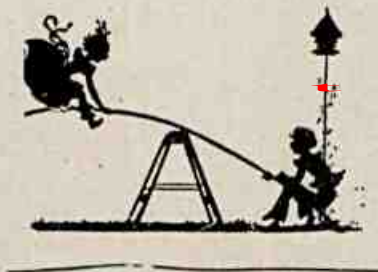
Embora nos programmas todos os solistas figurem anonymos, merecem comtudo especial destaque, ao par do corego, do director da massa coral, Nicoláo Kostrukoff, que imprimiu e manteve magistralmente a unidade do conjuncto. O Côro parecia um grande órgão de vozes.

Não é demais annotar, a proposito, que as execuções collectivas da arte russa superam quasi sempre as de outros povos. Attesta-o o Côro Russo. Parece-nos explicar-se o phenomeno por ter o regimen espontaneamente communista, peculiar á infancia de todos os povos, prevalecido nas populações russas mais tempo do que nas outras. Donde o predominio das massas, das collectividades pouco differenciadas, em todas as manifestações da actividade social, sejam de ordem politica, ou economica, sejam de ordem artistica, ou industrial. O *côro* é uma organização esthetica analoga á instituição economica do *mir*. Em ambas o individuo se apaga e só apparece a collectividade. E' o *mir* que possue a terra; é o côro, que canta; nenhum nome individual se destaca como proprietario, ou cantor. Esse communismo é essencialmente autoritario, bolchevista antes do bolchevismo, porque as massas estão jungidas ao mando absoluto do *starosta* no *mir* e do *corego* no *côro*.

Mas, por esse ou por outros motivos, o certo é que o Côro Russo não tem rival. E o Coro Platoff dos Cossacos do Don é um dos mais bellos specimens dessas massas selectas de cantores da grande patria de Glinka e Borodine, de Tolstoi e Kropotkine.

WALTER RUMMEL — Mais uma notabilidade pianistica appareceu nos vesperaes de arte do Theatro Lyrico. Ouvimol-o no sabbado da semana passada em — Bach: *A trindade* (triplice fuga, transcripção de Busoni); *Mortificamo-nos pela tua graça*, *Meu coração se regosija*, *Nosso Senhor no céo*, *Ah! como a vida do homem é ephemera e transitoria* (transcr. de W. Rummel); — Chopin; *Sonata em si-bemol menor*, op. 35; *Estudo e Valsa* (extras); — Debussy: *A Cathedral*, e a *Dança de Puck*; — Wagner — Brassin: *A morte de Isolda*, *Encantamento do fogo*, *Cavalgada*.

Acclamado pelo publico da Europa e da America, saudado com especial carinho por Claudio Debussy, Walter Rummel é sem duvida uma grande figura de pianista. Mostrou-o na execução do seu concerto de estréa. Entretanto, para sermos sinceros, devemos dizer que não nos deixou a mesma impressão de outras celebridades do piano. A sua arte pareceu-nos não ter a mesma intensidade communicativa que em outras notámos; ou então — talvez seja isto o certo — não temos nós a nossa audição afinada pela communicabilidade do artista.

Mas, se, em conjuncto, foi essa a nossa impressão, em detalhe não o foi. Assim é que nos agradaram especialmente a *Morte de Isolda*, e a *Cavalgada*, o *Estudo* e a *Valsa*, e sobretudo as peças de Bach, transcriptas pelo pianista, que foram para nós uma revelação. Do mestre allemão só conheciamos as austeras composições classicas que costumam ser numeros obrigados dos programmas dos grandes virtuoses. De sorte que foi deliciosa surpresa conhecer outra face do genio musical de Bach, que nos despertou emoções analogas ás produzidas pelo estylo cheio de frescura e delicadeza das composições de Scarlatti e de Rameau. Nalgumas até nos pareceu que o classico era quasi romantico. Foi para nós essa a parte mais sensacional do programma. Só por ella merecia o pianista todos os applausos com que o brindaram.

Vejam, solteironas

Proclamam damas de escol:
— Que toda a mulher nos ouça:
Quem faz uso do Eucalol
Fica velha e... morre moça.

A circumstancia de realizar-se quasi na mesma hora do recital do pianista no Theatro Lyrico, o concerto symphonico dirigido pelo maestro Francisco Braga, no Theatro Municipal, contribuiu para que não fosse numerosa, como devera ser, a assistencia do notavel vesperal de Walter Rummel.

AMELIA BRADÃO NERY — Abriu-se o Theatro Lyrico em a noite da penultima lunedia, 2ª feira, 11 de Agosto, para a audição de composições de D. Amelia Brandão Nery. Foram-lhe interpretes, como acompanhadora, a propria autora, e cantores as srtas. Stefana Macedo e Jesy Barbosa, e o sr. Vicente Cunha.

Apesar de não nos agradar o genero, a verdade é que nos agradou o espectaculo.

Não sabemos como julgarão os profissionaes o valor technico da componista; mas o certo é que, circulo limitado da sua inspiração, como autora de sambas, emboladas e canções, da musica plebéa, parece-nos ter produzido obra digna dos applausos com que incessantemente a ovacionou o publico. Pensamos até revelarem algumas composições, ter a autora capacidade esthetica para, substi-

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

tuindo as *letras* mais ou menos incorrectas do linguajar plebeu, compor peças musicaes de gente civilizada, apenas inspiradas em motivos populares. *Cafundó do coração* — é disso exemplo. Sem a letra, teriamos ouvido uma formosa melodia brasileira e não simplesmente uma canção popular do Brasil sertanejo ou caipira.

Como interprete pianistica das suas proprias obras, agradou-nos tambem a musicista. Tivemos a impressão de que eram improvisos o que tocava: tal a espontaneidade da execução. E muitas vezes pareceu-nos era a musica do instrumento que não só acompanhava, mas tambem entoava a canção.

Dos interpretes vocaes, foi um dos melhores, o mais raro, o que cantou uma só vez, embora figurasse tres vezes no programma: a srta. Jesy Barbosa. Cantou com muita emoção — *Minha viola é de primeira*. Depois, o sr. Vicente Cunha, que sobresahiu em quasi todos os numeros, especialmente na canção *Sempre rindo* e no samba *Beija-Flor*. Por ultimo, a Srta. Stefana Macedo, que a principio não nos impressionou, ou impressionou mal, mas depois encantou pela graça e pelo sentimento que imprimiu aos sambas — *Capelinha de melão* e *Cavallo marinho*, á embolada *Casa de farinha* e ao bis da canção — *Cafundó do coração*.

Com todas as restricções que possam ser feitas ao genero, ao autor e aos interpretes, não ha duvida de que o publico do Rio applaudiu a tudo e a todos com espontaneidade e calor. E' o que deve registar a critica impressionista, ou, melhor, o noticiario de impressões, que é esta chroniqueta. Em todo o caso, parece-nos não terem os technicos da arte muitos motivos para deixarem tambem de applaudir a autora, como um dos melhores compositores do genero a que se dedica.

A COMPANHIA HANSEATICA NA 3.ª FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS

O artistico e lindo mostruario da Companhia Hanseatica, na 3.ª Feira Internacional de Amostras, ora funccionando no antigo Palacio das Festas, á Avenida das Nações, tem attrahido a attenção e o interesse de quantos visitam aquelle importante certamen. Nesta, como nas feiras anteriores, o «stand» da importante companhia nacional vem, assim, marcando um verdadeiro successo, sendo muito elogiados todos os seus productos alli expostos.

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.
Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.
Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 34

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1930

O Semeador de Felicidade

— Escuta, minha filha: dá-me tuas mãos, pequeninas e frias, para que eu as aqueça entre as minhas, trêmulas e velhinhas, mas, sempre, tão quentes e carinhosas.

Agora, enxuga tuas lagrimas e sabe guardal-as avaramente...

Assim...

— Guardal-as? Para que?

— Para com ellas regar.s os jardins suspensos de tua alma, quando vier o outomno, com o eterno bailado de suas folhas seccas... Para com ellas fazeres brilhar, furtivamente, os olhos empanados de tua velhice... Para, nellas, mais tarde, encontrares conforto e consolação.

— Conforto? ... Consolação? ... Se, hoje, já tudo isso me falta!

— A' mocidade nada falta, senão quando ella, desilludindo-se, pede á vida coisas que só a velhice tinha o direito de esperar...

— Que coisas?

— Tristezas, angustia, desencantos, desillusões, desespero, renuncia, paz, quietude, recordações, lagrimas, saudade...

— Mas, se não alcanço o que desejo!...

— Nas "terras" que o coração deseja, tudo alcança a mocidade: amor, alegria, felicidade...

— Amor! Alegria! Felicidade!...

— Vê como dizes com vehemencia tudo isso: num grito que resôa ao rythmo interior de todas as ansias de teu coração! Teus labios, onde poreja o sangue quente da vida, já se desfloram, de novo, no suave sorriso da esperança. Confia em mim e espera...

— Esperar, o que?

— A tua felicidade...

— Minha felicidade? Mas onde está a minha felicidade? Quem m'a trará? Quem m'a trará?

— Eu!

— E quem és tu, assim velhinho e tremulo, que te arrogas o mysterioso poder de me fazer feliz?

— O Semeador da felicidade.

— Ah! O Papae Noel das crianças?

— Não. O Papae Noel de quantos, pelas estradas longas da vida, vivem perseguindo a felicidade. Sou alguém que nasceu com a primeira inquietação, com a primeira ansiedade, com o primeiro desejo humano despertado deante da vida, mysteriosa e profunda. Minhas mãos, vê — tenho-as trémulas do carinho. E a neve da minha cabeça é feita das filigranas de prata de oiro de todas as illusões. Todos os meus gestos são gestos de carinho, de amor, de bondade, de esperança e de fé. Illumino as almas e encho de alegria e de festa os corações...

— Quem és tu, então, tu, que, assim, prodiga e munificentemente, dizes semear a semente da felicidade nas terras, nem sempre fecundas, do coração da gente?

— Sou o Sonho...

— O sonho? Mas o sonho não é bastante para realizar a felicidade... E' apenas o velario incontsutil dentro do que ella palpita e dança, a nos acenar, de longe, com o illuminado sorriso da sua estranha fascinação...

— Como te enganas, criança! Sonho... Felicidade... Eu sou a alma mesma da felicidade. Semente, que se faz arvore, e, arvore, te dá sombras e enche de flores e de fructos a tua vida...

— Sim: és a arvore agazalhadora e amiga da Illusão e da Belleza...

— Não: a da verdade — a que guarda o mysterio de todas as coisas da vida que eu, a pouco e pouco, te venho revelando através de teu sonho interior. Apenas, nem sempre a humanidade comprehende os meus signos reveladores, esquecida de que, na mesma arvore, se ha frutos que se pedem e devem colher, outros ha que, sequer, nunca deveriam ser tocados...

— Ah! Comprehendo. E's a arvore do Bem e do Mal?

— Não. Apenas distribuo, pela vida a fóra, os frutos que pendem de seus galhos e que colho, cuidadosamente, para tão só offerecer os que são bons, saudaveis e saborosos.

— Nem sempre...

— Sim. Infelizmente, nem sempre...

— Por que?

— Porque vocês, na terra, vão sempre além do que deveriam desejar e mais estendem a mão febril para os frutos que lhes são interdictos — e apenas dados a entrever ou adivinhar — que para aquelles que, prodigamente, lhes são proporcionados.

— E quaes os interdictos?

— Os que não têm a approvação da vida.

— A felicidade...

— Como tu a entendes, como a maioria dos homens a comprehende, é um delirio...

— Como? Por que?

— Porque não ha felicidade que possa satisfazer plenamente ao ser humano, na sua realidade... Isso pela contingencia mesma da vida.

— E por que dizes ser o semeador da felicidade?

— Porque, de facto, semeio a boa semente, a verdadeira semente da felicidade.

— A do sonho?

— Sim: a do teu sonho interior, que é a unica que te poderá dar a suave illusão da felicidade...

ELCIAS LOPES

O querido Botafogo Foot-ball Club festejou a passagem do anniversario de sua fundação com um baile esplendente, em que tomaram parte damas e cavalheiros do «set» carioca. Foi uma linda noite de ri-

FILIGRANAS

Numa das vitrines do Museu Historico se vê um fragmento dos mosaicos que revestem as paredes internas da igreja de Santa Sophia de Constantinopla, basilica christã transformada pela conquista turca em mesquita mahometana. E' um pequeno bloco de caliça com alguns pequenos cubos de crystal dourado. Pertenceu a D. Pedro II e figurou entre as curio-

dente esplendor, e sob o qual os luxuosos salões do prestigioso club sportivo se animaram e luziram ao contacto de uma sociedade fina e elegante. São os aspectos mais interessantes dessa «soirée» que as nossas gravuras reproduzem.

...idades das collecções do paço imperial.

A respeito dessas lembranças de Santa Sophia escreve Theophile Gautier á pagina 274 do seu livro *Constantinople*: "Les mollahs déracinent chaque jour avec leurs couteaux les petits cubes de cristal revêtus d'une feuille d'or et les vendent aux étrangers. J'en possède moi-même une demi douzaine détachés en ma présence..."

Faianças

As mulheres e o scepticismo dos homens

Ha um destino que irmana os reis, os heroes, os sabios e os homens de letras, num certo parallelismo. Exemplo. Diz-se: Frederico II, o Grande; Ricardo I, o coração de leão; Plinio, o moço; Plinio, o antigo; D. Manoel, o venturoso; Filippe I.º, o formoso; Felippe, o intrepido; D. Pedro II, o magnanimo; Maria 1.ª, a piedosa; Alexandre Dumas, pae... Dumas, filho... E assim por deante...

Ora, eu posso notar que algumas das minhas leitoras me dão a honra desse parallelo. E assim, muitas dellas, dizem, nas suas cartas literarias: "Yves, o sceptico". Sim, porque ha o "Mon frere Yves", de Pierre Loti. E esse Yves era optimista, simples e bonachão. Era um marujo indulgente, sem malicia, de coração aberto ás bôas acções; e em "Mme. Chrysanthème", si não me engano, elle é de uma solicitude e de uma abnegação impressionantes, em arranjar as coisas, de modo a facilitar o consorcio do evocador do Oriente com a bella e ingenua *musumé*, que tinha aquelle nome de flor...

De modo que dizendo "Yves, o sceptico" ellas demonstram não confundir o rude marinheiro francez com o rude commentador destas "Faianças"...

Mais uma prova? E' esta... (Não ponho *dois pontos* porque elles dariam a idéa de relatorio ministerial... De resto, adoro as reticencias como as rosas. O dever de umas e de outras é embellezar as coisas. Da vida e da alma. Fechemos o parenthesis).

A melhor prova que posso dar de que ellas me distinguem do outro Yves, pelo scepticismo, vae nesta pergunta que uma dellas me fez:

— Por que é você assim tão sceptico, em relação ás mulheres?

Respondi:

— Não sou sceptico. Sou apenas um pouco precavido.

E o dialogo inflammou-se. Expliquei-lhe:

— Sou prevenido com as filhas de Eva e de Adão e do Creador tambem, porque são ellas que a isso me induzem.

— Dê um exemplo! — incita a joven.

— Os exemplos são a prova de que o nosso argumento é fragilimo. Não darei um exemplo. Mas contarei episodios authenticos, reaes...

— Em que foi protagonista?

— Em que fui victima.

— Está bem. Conte lá.

E contei:

— Imagine, senhorita X.... as mulheres mentem por instinctivo horror á verdade.

— A verdade é uma coisa imbecil e prosaica. Só a mentira é uma fórma de belleza. Não acha o senhor?

— A's vezes é a unica verdade que sae dos labios de uma mulher...

— Mas não conta o episodio?

— Conto. Quando as situações, os casos, as circumstancias se encontram, acontece que uma certa creatura nos mente, e temos a impressão de que já ouviramos aquella mesma mentira. Quem seria? Si recapitularmos os factos, veremos que os scenarios mudaram, o theatro, a hora, o comediante. A comedia é a mesma.

— E que comedia é essa?

— O amor.

A senhorita Helena de Magalhães Castro é um nome que já fixou o seu destaque na declamação brasileira. De volta de Sevilha, onde representou, a convite do nosso governo, a canção e a poesia nacionaes, a senhorita Helena de Magalhães Castro dará, hoje á tarde, no theatro João Caetano, um recital de poesias, que terá a presença de «Miss Brasil», «Miss Portugal» e «Miss Hespanha».

— Mas não são vocês homens que ensinam ás mulheres a mentir?

— Sim. Mas nesse caso que ellas, ao menos, respeitem os seus mestres... E o scepticismo delles...

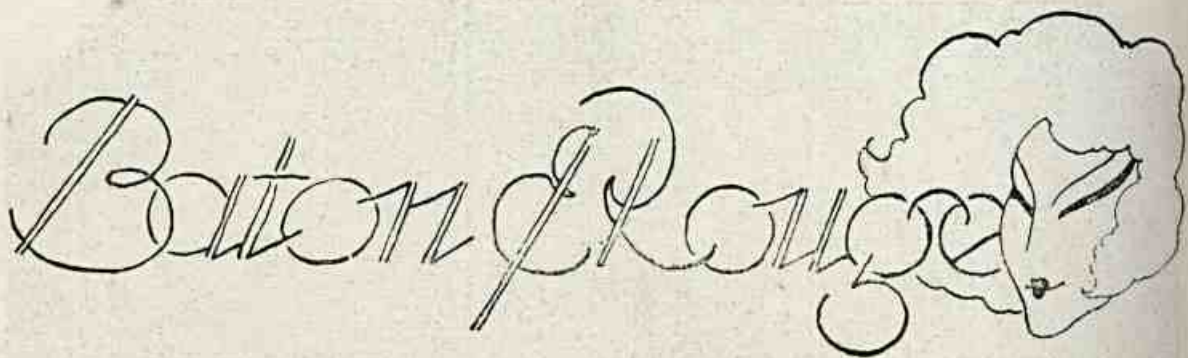
A joven disse apenas:

— Até logo.

Yves

A "Casa Ruy Barbosa"

Inaugurou-se officialmente, quarta-feira ultima, a «Casa Ruy Barbosa», onde viveu e morreu o grande brasileiro, e que o governo da Republica, como uma homenagem excepcional áquelle genio da nossa raça, transformou em bibliotheca publica, para assim melhor e mais dignamente ser venerada e cultuada a memoria de Ruy. A solemnidade inaugural do templo civico da rua S. Clemente teve a presença do sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, ministros de Estado, congressistas, diplomatas, scientistas, escriptores, jornalistas, representantes, emfim, de todas as classes cultas do paiz, para não fallar no elemento feminino que enchia todos os salões da residencia de Ruy Barbosa. Foi memoravel a inauguração da «Casa Ruy Barbosa». O doutor Washington Luis chegou alli acompanhado de sua exma. senhora, sendo recebido pela exma. viuva Ruy Barbosa e outros membros da familia do glorioso autor de «Cartas de Inglaterra», que se achavam acompanhados de pessôas amigas, entre ellas, o sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello. A sessão inaugural realizou-se no salão da bibliotheca de Ruy Barbosa — o mesmo onde o eminente patricio escrevêra o projecto da Constituição Federal — servindo para o acto a mesma escrivaninha que servira a Ruy na elaboração do estatuto republicano de 24 de fevereiro. Houve apenas dois oradores: o senador João Mangabeira e o dr. Baptista Pereira, aquelle, em nome da Bahia, terra de Ruy Barbosa, e o segundo, em nome da familia do grande brasileiro. As nossas photographias fixam aspectos dessa ceremonia

Baton de Rouge

O EXTERMINIO DOS MARIDOS

A situação dos maridos, em Paris, ao que parece, não é, de modo algum, das melhores do mundo. E', mesmo, das peores, dadas a insegurança e a intranquillidade em que vivem elles junto a suas queridas consortes — que, por qualquer "dá cá aquella palha", os sacrificam a seus nervos, eliminando-os cruel e impiedosamente.

E' isso, pelo menos, o que se pode inferir desta fantastica e pavorosa revelação feita pelos jornaes de lá e reproduzida pelos d'aqui: em dez mezes, 37 — trinta e sete — mulheres foram julgadas pelos tribunaes da Cidade-Luz como... autoras da morte de seus respectivos maridos!

* * *

Ahi está, de facto, uma noticia sensacional, que convém amplamente divulgada, para conhecimento geral e "defesa" dos senhores maridos deste outro lado do Atlantico os quaes, deante do que se passa na cidade mais civilizada e mais culta do mundo, certo não se sentirão muito á vontade.

* * *

Partisse o tetrico e impressionante exemplo de qualquer outra parte do globo e, talvez, não tivesse elle a repercussão que fatalmente terá, concorrendo para perturbar a paz tranquilla e confiante dos casados do lado de cá.

Mas, vindo de Paris... De Paris, que é a Cidade-Padrão de tudo que é chic, que é lindo, que é raffiné!

Porque é um engano suppor que Paris, com a fama de seus costureiros, é apenas o centro-irradiador da elegancia com que se veste tout le monde.

Paris — é também o cerebro mais illuminado do mundo. O mais espiritual. O mais snob. E o mais blasé...

Se os seus grandes tailleurs cream a moda e a impõem a todo o globo, a Cidade-Luz que pensa, que escreve, e traça directrizes ao pensamento universal, em matéria de arte, de literatura, de sciencia, também nos envia, com os seus potins e as suas blagues, todos os raffinements espirituaes com que veste e empresta um tom de suggestivo encanto a tudo mais que por lá fazem e praticam os seus illuminados, as suas mulheres, os seus apaches...

* * *

Cidade super-civilizada, Paris dá, assim, com o ultimo figurino, a ultima grande novidade litteraria, o ultimo habito raffiné, o ultimo vicio elegante — le mot d'ordre em tudo dernier cri.

E o resto do mundo vae macaqueando Paris, a seu geito e feição peculiares...

Com as pernas espirituaes da Mistinguette surgem pernas espirituaes por toda a parte; com o rythmo desordenado e doido dos quadris de Josephina Baker, o sensualismo africano campeia infrene, por ahi, porque teve os applausos e a sagração de Paris.

Assim como o cocktail, que é o ultimo requinte elegante, e o mais...

* * *

Calculem, agora, os que me lêem, que, se Paris radiante, que nos fascina com a sua graça, a sua elegancia, a sua fina espiritualidade, a sua belleza e a sua cultura — com os seus gestos mais banaes e os mais excentricos tambem — nos chegue, como sendo a ultima palavra em materia de alliviar o proximo do peso da vida, essa suave mania de matarem as mulheres os proprios maridos...

Porque, o mariticidio, com licença do neologismo, faz furor em Paris e é uma nova e curiosa modalidade do requinte feminino na arte de livrar a mulher de um companheiro importuno, coisa em que ella sempre

Neves Manta, o distincto medico «doublé» de fino e elegante escriptor, acaba de publicar um novo livro — «Borba Sangue». E' uma collectanea de interessantes novellas, em que o escriptor, num estylo primoroso e attrahente, nos apresenta alguns aspectos realistas da vida, da vida vivida «au jour le jour»... Nesse livro, forte, sincero, ha paginas que calam profundamente no espirito de quem as lê. E Neves Manta, em «Minha historia de amor», «Uma confissão riconha», «A mulher que não veiu», etc., prende agradavelmente o seu leitor. O apreciado autor de «A Individualidade e a Obra Mental de João do Rio em face da Critica e da Psychiatria», dá-nos, em «Borba Sangue», um livro realmente bom, original, bizarro, mesmo.

Os membros da Missão Industrial de Sheffield, srs. A. K. Wilson, C. R. Hodgron, G. J. Balfour e outros, figuras de prestigio nas industrias inglezas, que chegaram a esta capital, a bordo do «Asturias», na penultima sexta-feira. A Missão Industrial de Sheffield realiza, sob os auspicios do governo britannico, uma viagem de estudo e analyse das possibilidades economicas dos paizes da America do Sul, notadamente no que se refere ás industrias do aço e á importação de cutelaria. Vem, assim, continuar as actividades nesse sentido aqui iniciadas pela missão que nos visitou, ha pouco, sob a chefia de lord d'Abernon. Daqui seguirá para o Uruguay, Argentina, Chile e Perú, depois de visitar as cidades de São Paulo e Santos.

...aton & Rouge

(CONCLUSÃO)

...rimou pela habilidade, ...em recorrer aos processos ...ir directos e violentos da eliminação a bala ou a punhal.

* * *

Um horror, se Paris tambem ensinar ás nossas mulheres esse meio... violento, mas pratico a decisivo, de se verem livres de seus maridos. Porque, entre nós, não ha, como na França, a porta larga do divorcio.

E ha a do jury, por onde sahem, abertamente, todos os pseudo protagonistas dos chamados crimes passionaes...

FRAGONARD.

Grupo tomado no Jockey Club, segunda-feira ultima, antes do almoço que as nossas classes conservadoras offereceram aos membros da Missão Industrial de Sheffield á America do Sul.

Revestiram-se de grande imponencia as solennidades da sagração de sua eminencia d. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, como cardeal da America do Sul, realizadas em julho ultimo, no Vaticano. Além das ceremonias propriamente religiosas, realizaram-se varias outras de caracter particular, como a sessão litero-musical offerecida a s. eminencia, no Collegio Pio Latino-Americano, pelos alumnos do estabelecimento. Esta pagina fixa, ao centro, o acto da posse de d. Sebastião Leme no titulo de S. Bonifacio e S. Aleixo, na igreja consagrada a estes santos. Em cima, sua eminencia e sua Corte Cardinalicia, inclusive a Guarda Suissa, na «loggia Michel Angelo», no Vaticano, antes de entrar na sala para receber o barrete cardinalicio. Em baixo, outro aspecto da posse do titulo de S. Bonifacio e S. Aleixo.

(Photographias gentilmente cedidas ao FON-FON pelo nosso confrade Alcino Bahia.)

Sua eminencia d. Sebastião Leme, acompanhado de sua Côrte Cardinalicia, ao sahir da Basilica de S. Pedro, onde foi orar pela felicidade do seu Brasil.

SABEDORIA

Não ha nada tão contagioso como o exemplo, e nunca fazemos acções bôas ou más que não produzam outras semelhantes. Imitamos as bôas acções por emulação e as más pela malignidade de nossa natureza, que a vergonha conservava prisioneira e o exemplo põe em liberdade.

La Rochefoucauld.

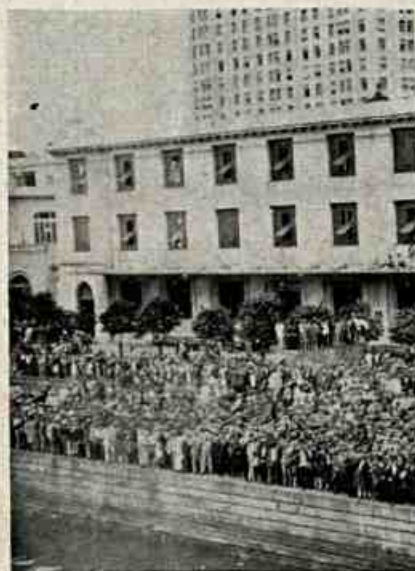
Um aspecto da sessão litero-musical realizada em homenagem a sua eminencia, no Collegio Pio Latino-Americano.

(As photographias que illustram esta pagina foram gentilmente cedidas ao FON-FON pelo nosso confrade Akino Idalia.)

FILIGRANAS

Na paysagem matutina, o sol espargia o thesouro de suas escamas aureas. Ellas amoedavam o chão sob as arvores, luziam nos telhados do casario, juncavam as ruas e os cáes, derramavam-se pelo respaldo dos morros e boiavam á flor das aguas azúes da bahia. Um grande transatlantico, arranha-céo do oceano, rompia a toalha chamalotada das aguas, rumo á barra. E um pequeno barco a vela desfraldava as azas brancas na serenidade do horizonte.

Eu sorri de mim para mim, recordando a frase de Gautier:

"... des navires voiliers et des bateaux á vapeur... la poésie et la prose de la marine."

Mais do que nunca Portugal tem razão de ser «um jardim á beira-mar plantado», porque elle agora nos manda uma flôr de graça, a sua linda Fernanda Gonçalves, «Miss Portugal» — que é, na realidade, uma flôr muito rara nos canteiros dos jardins mais opulentos. E, para recebel-a, o nosso povo abriu os braços e o coração, que ella conquistou, desde logo, com o seu bello sorriso e o ceu olhar encantador. A nossa pagina reflecte, nos seus flagrantes photographicos, os mais expressivos aspectos da chegada de «Miss Portugal» ao Rio de Janeiro.

Ruy Barbosa e Prado Valladares

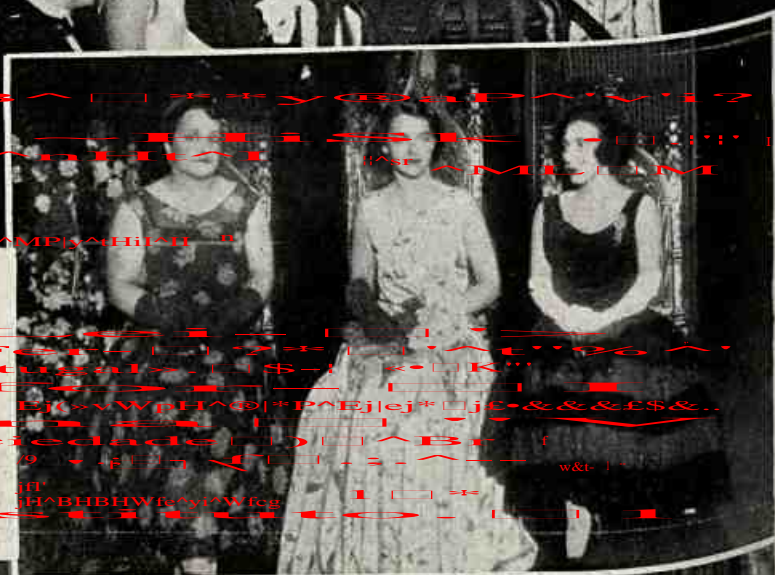
Na sessão do Conselho Nacional do Ensino, realizada na tarde em que se inaugurava a "Casa Ruy Barbosa", o professor Prado Valladares, membro daquelle Conselho, cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia e conterraneo do grande mestre, apresentou aos seus collegas a seguinte indicação, que foi unanimemente approvada:

"Neste momento inaugura-se a "Casa Ruy". E' nome que á sua só enunciação, revivesce na memoria do Continente e do Mundo o fulgor de um espirito sideral na construcção maravilhante da civilização humana.

Neste momento está a dizer quem foi e quem é Ruy, o verbo demosthenico do maior de seus discipulos vivos: o senador Mangabeira.

Proponho que o Conselho Nacional de Ensino faça constar a todo o paiz a expressão commovida da nossa saudade: de pé e no silencio de sagrado recolhimento, daremos a Ruy todo um minuto de nosso pensamento cultural ás grandezas de seu genio."

Outros flagrantes da chegada da «Miss Portugal», vendo-se o povo aguardando, no cáes do porto, o desembarque da senhorita Fernanda Gonçalves.

Muito expressiva foi a homenagem que o Gabinete Portuguez de Leitura testemunhou á senhorita Fernanda Gonçalves, «Miss Portugal». Houve uma sessão em honra da formosa lusitana, e nella tomaram parte as figuras de mais destaque na colonia portugueza e na sociedade carioca. Nos recortes photographicos da nossa pagina, «Miss Portugal» apparece rodeada de membros proeminentes daquelle instituto.

NOTA MUNDANA

A nota mundana do Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo, que se reunirá nesta capital de 6 a ... de setembro proximo, sob os auspicios do Touring Club do Brasil — organizado pelo seu vice-presidente, sr. Christovão de Camargo — será a festa a se realizar na noite de ... daquelle mez, no Casino de Copacabana, e cujo programma apresentará vários números interessantes, confiados a figuras prestigiosas da nossa alta sociedade.

Haverá uma ceia servida em mesas volantes, e uma original exhibição de danças e canções typicas do «folklore» sul-americano, na qual tomarão parte damas representativas do «grand-monde» de cada paiz que compareça ao Congresso de Turismo e que será assim bizarramente homenageado no Brasil.

Estão á frente da organização dessa festa de requintada elegancia, que será patrocinada pelos chronistas mundanos de maior destaque na imprensa carioca, as exmas. sras. Marquesa Couto, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Guerra Duval e outras grandes damas da nossa «élite».

Entre as homenagens prestadas á senhorita Fernanda Gonçalves («Miss Portugal»), figura o baile sumptuoso que a colonia portugueza lhe offereceu nos salões do Club Gymnastico Portuguez. Foi uma festa linda, que se revestiu do mais intenso esplendor, e na qual tomaram parte figuras de relevo entre os portuguezes domiciliados nesta capital e na nossa sociedade.

ROSAS de VELLUDO

Luar de agosto

LUAR de agosto! Luar branco e sereno da minha terra, que illuminas, romanticamente, estas grandes noites brasileiras, estas noites quietas e fulgurantes, em cuja fascinação se agitam todos os sonhos e todas as emoções dos poetas! Luar melancolicamente claro e lindo pregado no céo que se arqueia, silencioso e immenso, sobre o tumulto da civilização carioca! Luar cheio de doçura feminina e de placidez claustral, piedoso e manso como um velho monge de longas barbas côr de neve que envolvesse, paternal, no seu compassivo perdão, todos os calumniadores das suas virtudes! Luar sumptuoso e impassível como um rei bizarro ostentando tunicas de prata! Luar de agosto! Por que tu não me dás um pouco da tua esplendente claridade? Por que tu não derramas sobre a minha alma, vestida de luto, a brancura de lirio da tua luz suavissima? Por que não penetras até meu coração amargurado e de lá espantas as trevas em que elle, angustiadamente, se debate? Por que não persegues o fantasma do desalento que mfira no meu espirito? Por que não me proteges, luar de agosto? Por que não és generoso para mim?

Deànte da tua bellezá deslumbrante, do teu sudário imponderavel, eu chego a esquecer a minha desventura, e, vendo tudo tão branco sob a tua caricia luminosa, fico adorando a noite, que me proporciona a alegria de contemplar-te longamente e, longamente, sentir essa ternura que me vem de ti, luar de agosto, e que tanto se parece com a ternura de uns olhos voluptuosos que eu só posso evocar nesta hora lyrica, em que tu me enches de esperanças!

A minha rua, larga e bem illuminada, tem o mesmo aspecto burguez de todas as noites. Não está mais clara nem menos alegre dentro da algazarra ingênua da meninada feliz. Nem sobre ella tu te estendes, macio e branco, imponente e doce, como sobre a serra escura que vestes de arminho e que eu daqui diviso, melancolico e saudoso...

A serra, ao luar... Eu lembro, olhando-te o reflexo naquelle recorte da Tijuca, uma noite de luar e uma serra illuminada, longe daqui, numa pequena cidade mineira onde o meu pensamento, constantemente, revolve as cinzas do passado...

Luar de agosto! Eu te agradeço o bem que tu me fazes, banhando-me o espirito na tua luz evocativa! Sob a tua inspiração eu posso recordar o meu luar de junho lá naquella rua de bairro de provincia, bucolicamente tranquilla na sua sombra illuminada... Sob a tua inspiração, eu posso recordar os olhos verdes daquella que conheci numa noite clara de luar, quasi tão clara como esta noite de agosto...

Luar de agosto. Noite branca, côr de sonho. Quietude outomnal. O nosso amor, querida, é como uma noite assim: uma noite onde as sombras do impossivel são radiosamente illuminadas pelo luar da esperança...

Mauro de Alencar

MARCELLO ROBERTO

No baile do palacio Itamaraty. Grupo em que apparecem o chefe da Missão Militar Franceza e outras altas personalidades.

UM GRANDE CHANCELLER E UMA GRANDE DAMA

Por muito tempo, ha de sorrir no espirito dos que tomaram parte no baile do Itamaraty, uma doce impressão de encantamento, de alegria e de sonho. De sonho, sobretudo. Um daquelles sonhos orientaes, em que a fantasia dos poetas revive em [illegible] de ouro», ou se estampam na [illegible] da prosa linda, illuminada [illegible], de um Pierre Loti.

Essa é, na verdade, a impressão mais viva, mais nitida, que ficou dessa festa de rutilante mundanismo.

Mas, também, não é possivel desassociar, dessa recordação deliciosa, as figuras de verdadeiros aristocratas, dignas da côrte do Rei Sol, e que são a sra. ministra e o sr. ministro dr. Octavio Mangabeira.

Todo aquelle encanto maravilhoso, todas aquellas horas de inesqueciveis deslumbramentos, de alegria e convivio scintillante, só se devem ao nosso chanceller — já hoje um nome comparavel ao de Rio Branco — e á sua eminente esposa, mme. Octavio Mangabeira.

E quando, mais tarde, se rememorar o fausto, o fulgor e o colorido dessa noite rumorosa e festiva, transcorrida nos salões do Itamaraty, os nomes do illustre diplomata e de sua digna esposa hão de ser evocados com admiração e saudade.

Num intervallo das danças.

O baile do Itamaraty

❋

"UM sonho que viveu"... Era bem esse o titulo que se poderia dar áquella noite de *féerie*, de encantos, de deslumbramentos inesquecivois, que foi a do baile que o illustre casal Octavio Mangabeira offereceu ao corpo diplomatico e á sociedade brasileira. Houve um motivo para justificál-o: as modificações por que passou o palacio Itamaraty. E esse motivo foi bem meditado, pois graças a elle é que o antigo solar da fidalguia do Imperio

Uma noite de fulgurante alegria

❋

poude resplandecer, nos seus maravilhamentos, que se confundiam com o ambiente de luxo, de fausto, de sumptuosidade, e os reflexos das joias, das silhuetas vaporosas, dos sorrisos galantes, das casacas de linhas impeccaveis, emquanto os lustres jorravam o ouro da sua luz, sobre as flores, os tapetes, os detalhes decorativos das salas, e a trepidação do *jazz* convidava ao delirio da dança...

A nossa reportagem de hoje focaliza as visões mais suggestivas dessa noite maravilhosa.

O ITAMARATY FLORIDO

Uma das notas que mais chamaram a attenção dos convidados do sr. ministro Octavio Mangabeira, no baile do Itamaraty, foi a ornamentação de flores naturaes que se distribuía lindamente pelos salões austeros do palacio da rua Marechal Floriano Peixoto. Executou-a a Casa Flora, com um requinte aristocratico. Desde a entrada, onde se ostentavam ricas folhagens, o velho solar da condessa de Itamaraty apresentava-se intensamente florido. Orchideas brasileiras, primaveras, japonicas, azaléas indicas, cravos grenat, pois de santeur, chrysanthemos côr de rosa e grenat, cravos americanos, sweet pees e muitas outras flores se destacavam na féerie da noite deslumbrante, dando a todos aquelles salões illuminados um aspecto polychromico de centro da alegria da festa. Tudo perfumado e florido como um jardim fidalgo.

Tres detalhes sumptuosos do grande baile de sexta-feira penultima, no palacio Itamaraty.

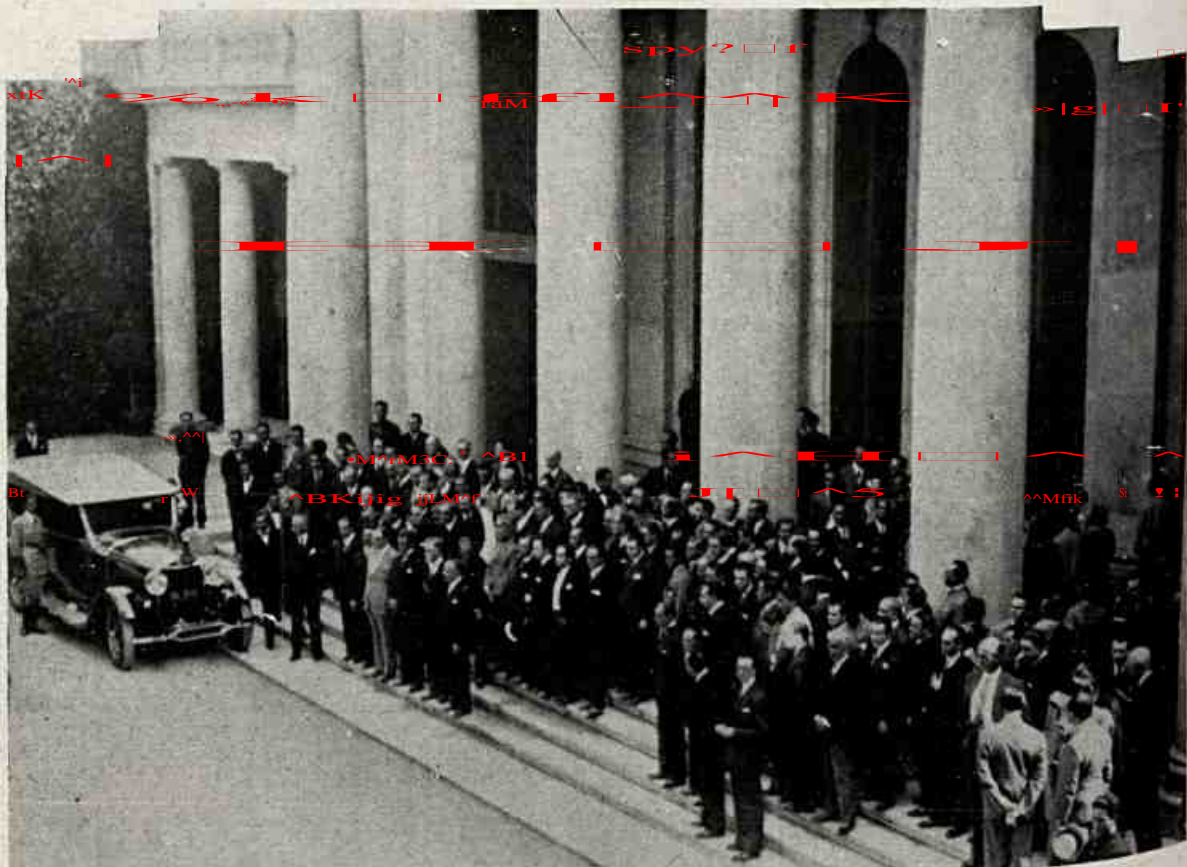
A séde da Chancellaria Brasileira e suas novas e sumptuosas installações

♣

QUANDO o sr. Octavio Mangabeira assumiu a direcção da chancellaria brasileira, a Nação em peso, na homenagem unanime da sympathica espectativa, aguardou, confiante, a acção do novo titular da pasta a que Rio Branco déra o maximo brilhantismo. Não faltavam ao novo e illustre titular as mais legitimas credenciaes de merito com que honrar o alto posto para que, em boa hora, fôra escolhido. Figura das mais eminentes do scenario politico nacional, s. ex., pela sua intelligencia, pela sua vasta e solida cultura, bem como pelas suas qualidades pessoaes, pela elegancia moral de seus gestos e attitudes na vida publica brasileira tinha, nesse conjuncto de predicados, a melhor garantia da efficiencia de sua actuação na direcção da nossa politica externa.

E' o que, hoje, depois de mais de um triennio de fecunda e habil administração, reconhecem e proclamam, com o mais legitimo desvanecimento, todos os brasileiros que vêm acompanhando a

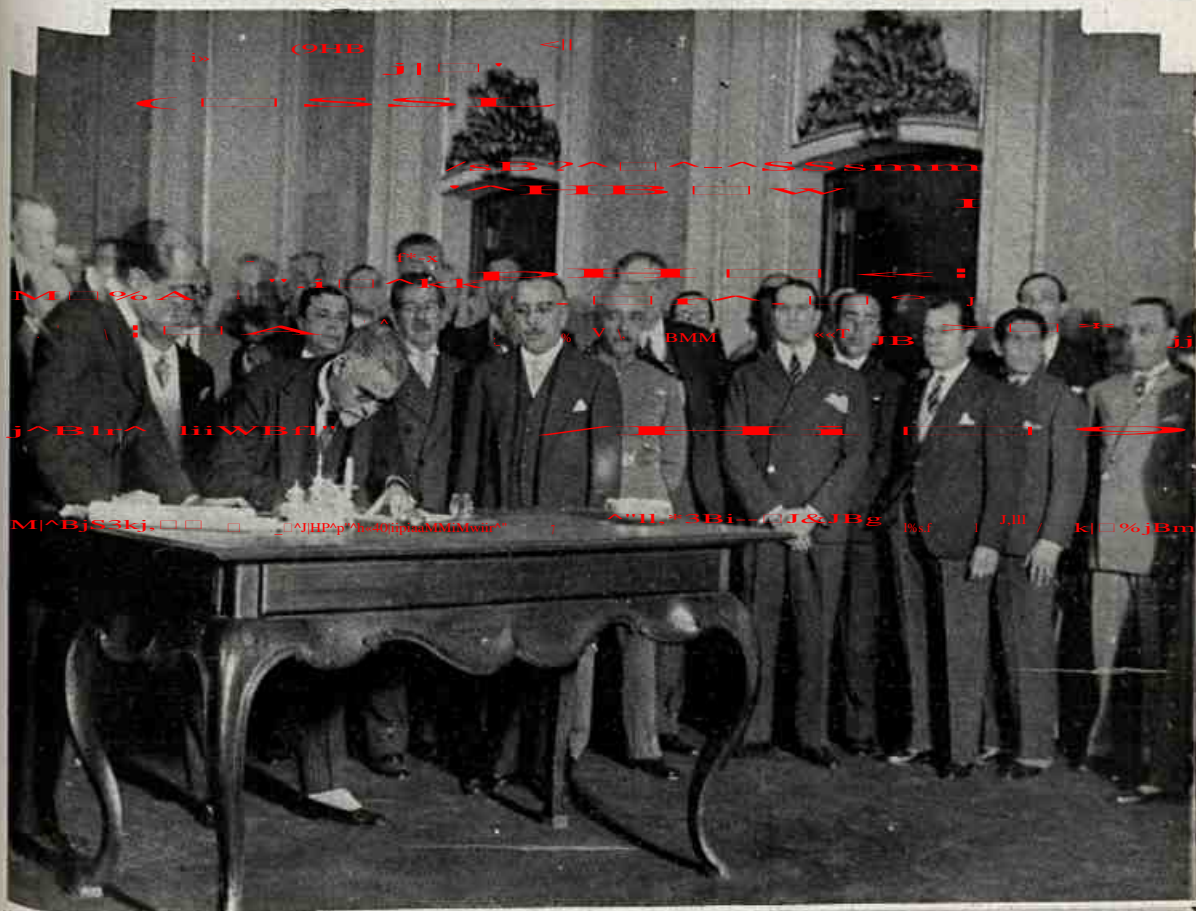
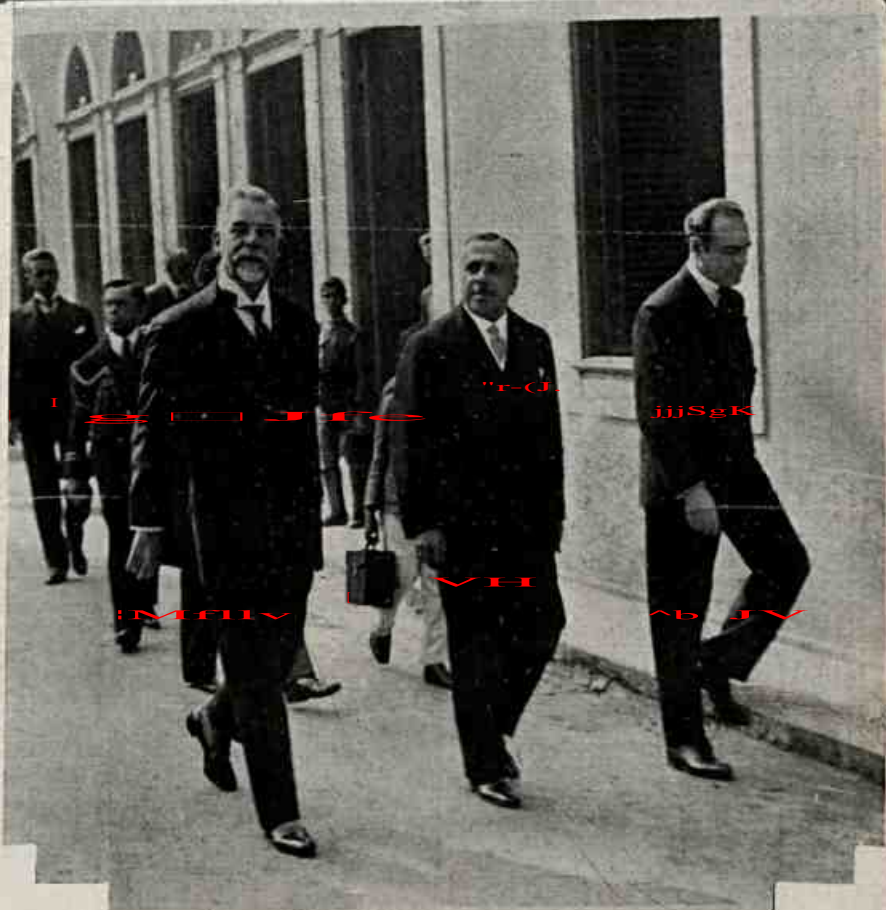
♣

S. ex. o sr. dr. Octavio Mangabeira, ministro de Estado das Relações Exteriores, posando especialmente para FON-FON, e, em baixo, a sala em que morreu Rio Branco, no palacio do Itamaraty, onde se acha installado o gabinete de trabalho do nosso Chanceller.

O chefe da Nação, no primeiro plano, ladeado pelos srs. vice-presidente da Republica e ministro das Relações Exteriores, bem como outras altas autoridades, diplomatas, funccionarios do Itamaraty e pessoas gradas, após a inauguração das novas dependencias da séde da Chancellaria.

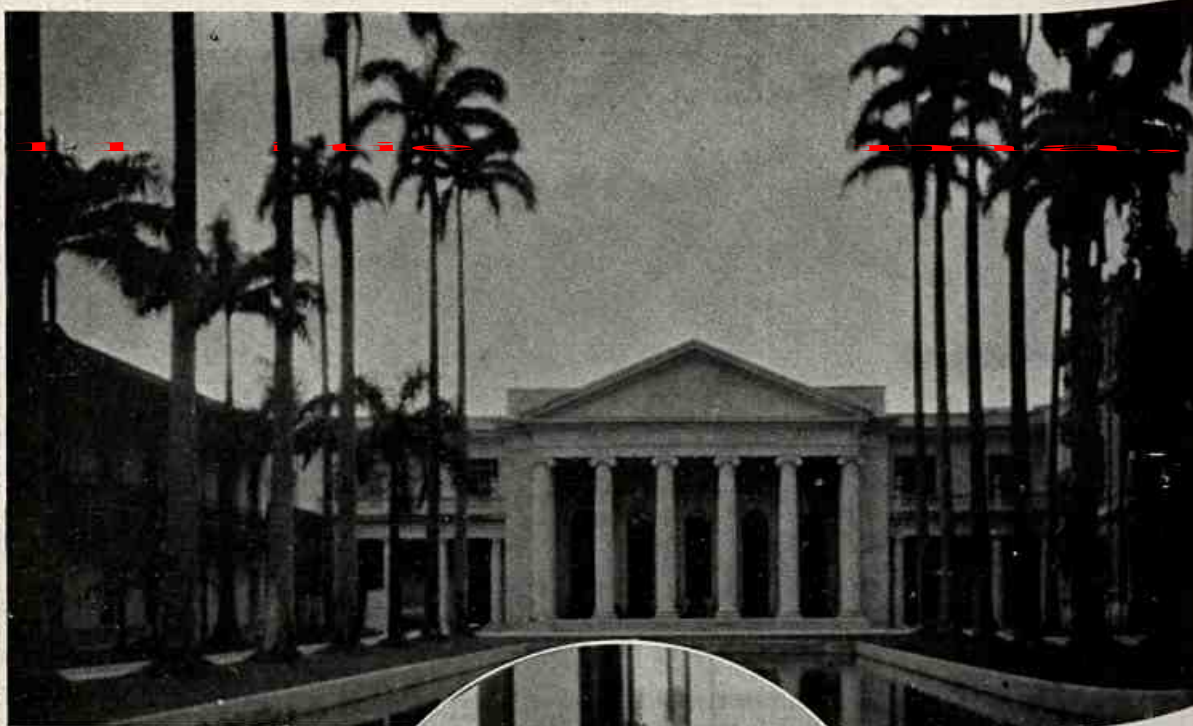
acção do eminente e notavel patricio no Itamaraty, cujas brilhantes tradições o sr. Octavio Mangabeira tanto tem sabido honrar.

Imprimindo novas directrizes aos serviços do importante departamento que lhe foi confiado, s. ex., com o fim de lhes dar maior efficiencia, remodelou alguns, creando outros de inegavel utilidade publica, como o de Serviços Economicos e Commerciaes, que hoje constituem um dos orgãos propulsores, por excellencia, da expansão do paiz no exterior.

No amplo scenario da

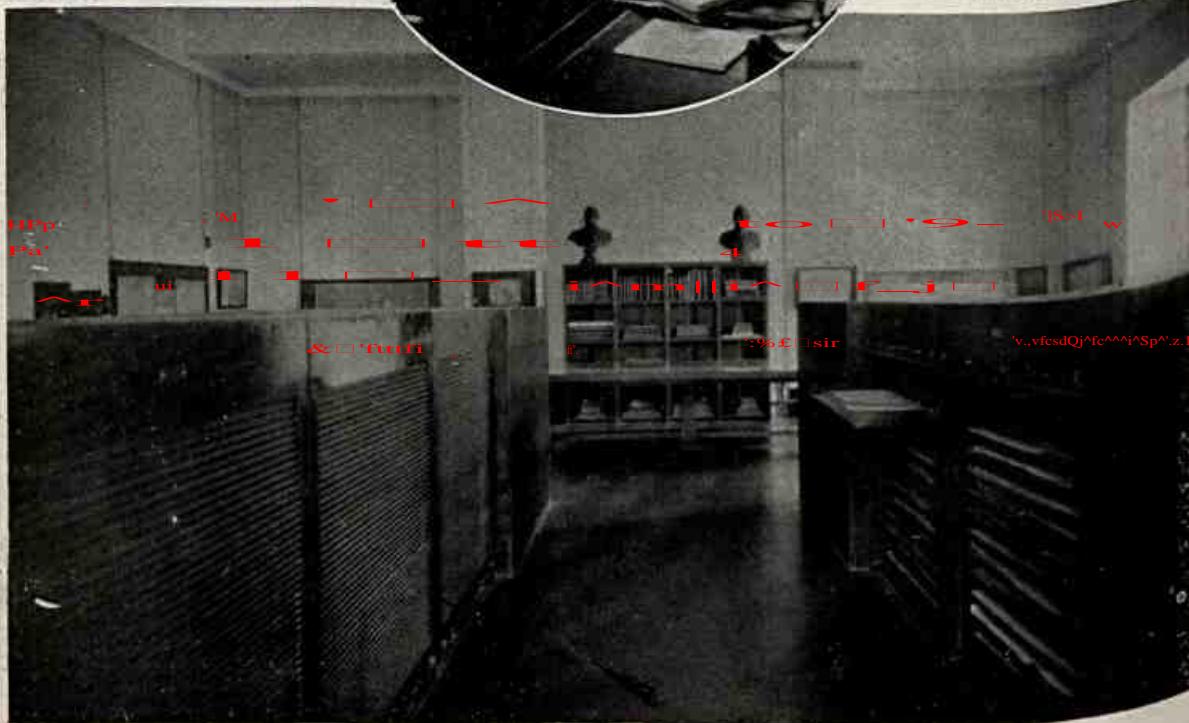
Outro aspecto, colhido no Itamaraty, por occasião da inauguração official dos novos e importantes melhoramentos do palacio da Chancellaria Brasileira.

O exmo. sr. presidente da Republica assignando a acta da inauguração do novo edificio dos Archivos, Bibliotheca e Mappotheca do Itamaraty.

Vida internacional, a situação de prestigioso relevo que o Brasil desfructa, recommendando-se, no concerto das nações, pelo elevado espirito liberal da sua politica externa, está a indicar quanto tem sido intelligentemente bem orientada a actuação do Itamaraty.

A projecção dessa habil e nobre politica mais avulta, porém, nos campos das nossas relações com os paizes do continente, principalmente para os que nos são fronteiriços, com os quaes o ministro Octavio Mangabeira, ultimando varios tratados memoraveis, realizou a obra maxima da sua sabia e criteriosa administração, integrando o Brasil na sua verdadeira

O dr. Washington Luis, em companhia do chanceller Octavio Mangabeira, percorrendo as novas dependencias do Itamaraty.

expressão territorial, pela delimitação de suas fronteiras.

Uma outra feição da obra administrativa realizada pelo illustre ministro do Exterior merece, neste momento, especial relevo: a que se refere aos trabalhos de adaptação do antigo solar da condessa de Itamaraty aos fins a que está destinado.

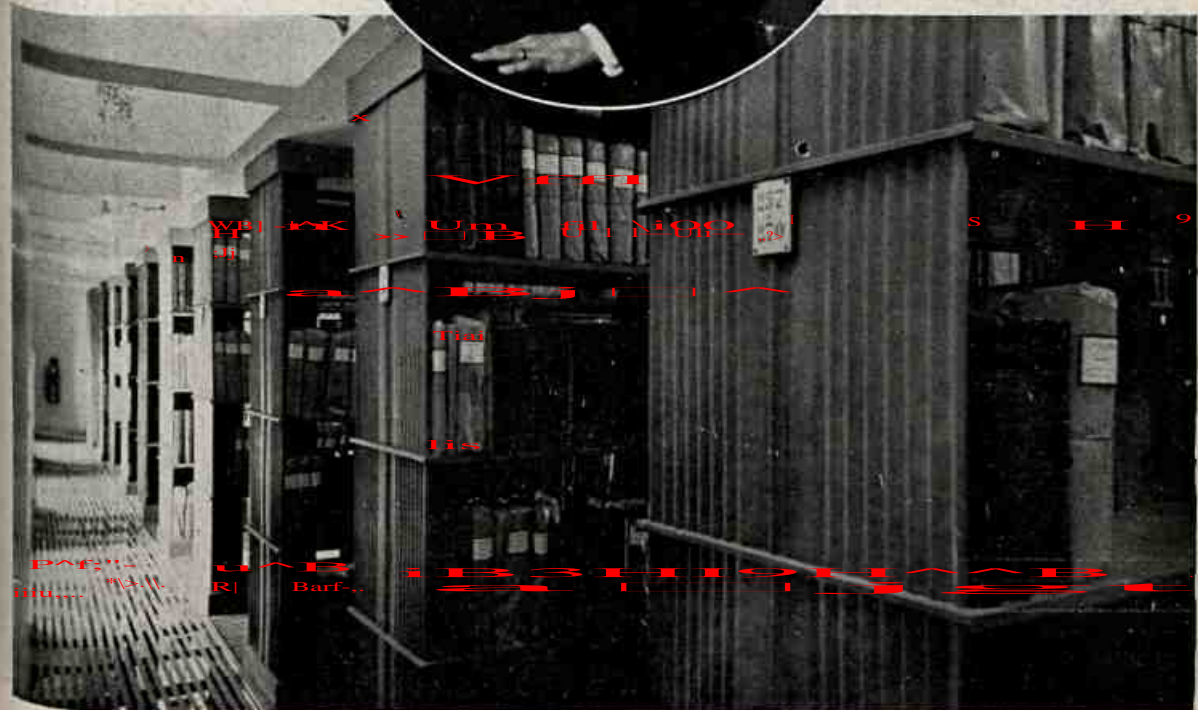
Foi essa uma das primeiras preoccupações de

Ao alto: o novo edificio dos Archivos, Bibliotheca e Mappotheca do Itamaraty, em estylo greco-romano; no medalhão, o dr. Leão Velloso Filho, ministro do Brasil na China, actualmente servindo como chefe do gabinete do sr. ministro das Relações Exteriores; em baixo, a moderna Mappotheca.

Um aspecto feérico do novo edificio da Bibliotheca, Archivos e Mappotheca do Itamaraty.

S. ex. que, ainda no inicio de sua gestão, tratou de ali introduzir os melhoramentos indispensaveis.

Construcção antiga, não permittindo, com o necessario conforto, o funccionamento dos multiplos serviços nella installados, s. ex. logo tratou de a remodelar, melhorando o que existia, ou levantando novas construcções, aproveitando, para isso, a grande área de terreno do seu vasto e, até há bem pouco, abandonado parque.

O dr. Mario de Vasconcellos, director da Contabilidade do Ministerio das Relações Exteriores.

Interessante secção do archivo metallico.

Um aspecto da Sala dos Tratados, no edificio da Bibliotheca, e a artistica e linda porta principal do Salão de Conferencias, em estylo colonial.

Iniciando as obras de adaptação na ala em que se achavam installadas varias secções daquella secretaria de Estado, s. ex., logo após, dentro das verbas orçamentarias habituaes, mandava atacar os trabalhos de construcção do bello edificio especialmente destinado á Bibliotheca, Archivos e Mappotheca do Itamaraty.

Foram essas as importantes obras officialmente inauguradas a 14 do mez corrente, de cuja cerimonia e installações offerecemos, nestas paginas, numerosos aspectos.

Todas essas reformas, emprehendidas desde o inicio da actual administração do Itamaraty, executaram-se dentro das dotações orçamentarias habituaes, e vieram resolver as deficiencias ali existentes em tudo, quer com relação ao mobiliario luxuoso e nobre, porém mal conservado e distribuido, como ás installações geraes das suas diversas dependencias.

Assim, no pavimento terreo, onde as reformas foram radicaes, vêem-se, hoje, espaçosas galerias, de pisos de marmore e paredes de "pierre de Caen", illuminadas por bellas lanternas de ferro forjado, estylo "Renascença"; os vestiarios com capacidade para cerca de seis mil escaninhos; a portaria, ampla, com largos bancos de jacarandá lavrado; o refeitorio dos funccionarios; vestibulos diversos, rasgados por finas arcarias; a sala do porteiro; a saleta de entrada particular do ministro de Estado, onde se encontra um elevador que dá accesso reservado ao seu gabinete de trabalho, e o atrio, cujas paredes foram revestidas de placas de marmore rosa, de São Miguel.

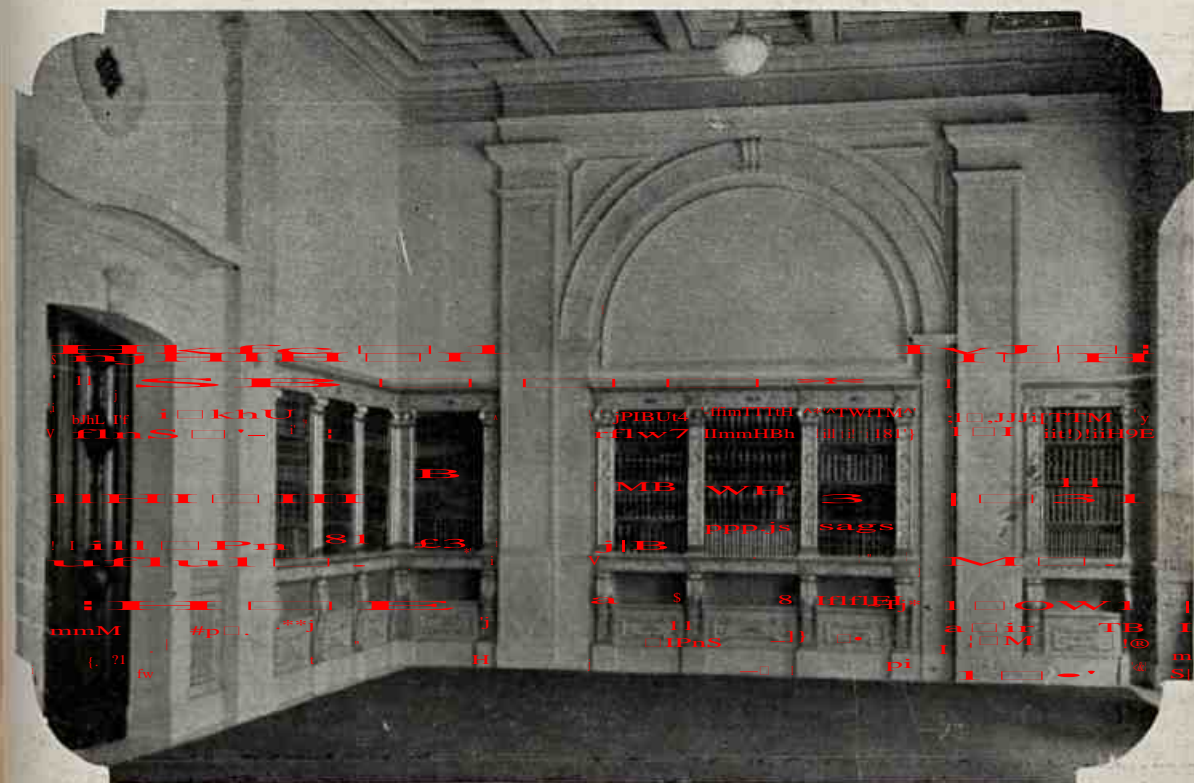
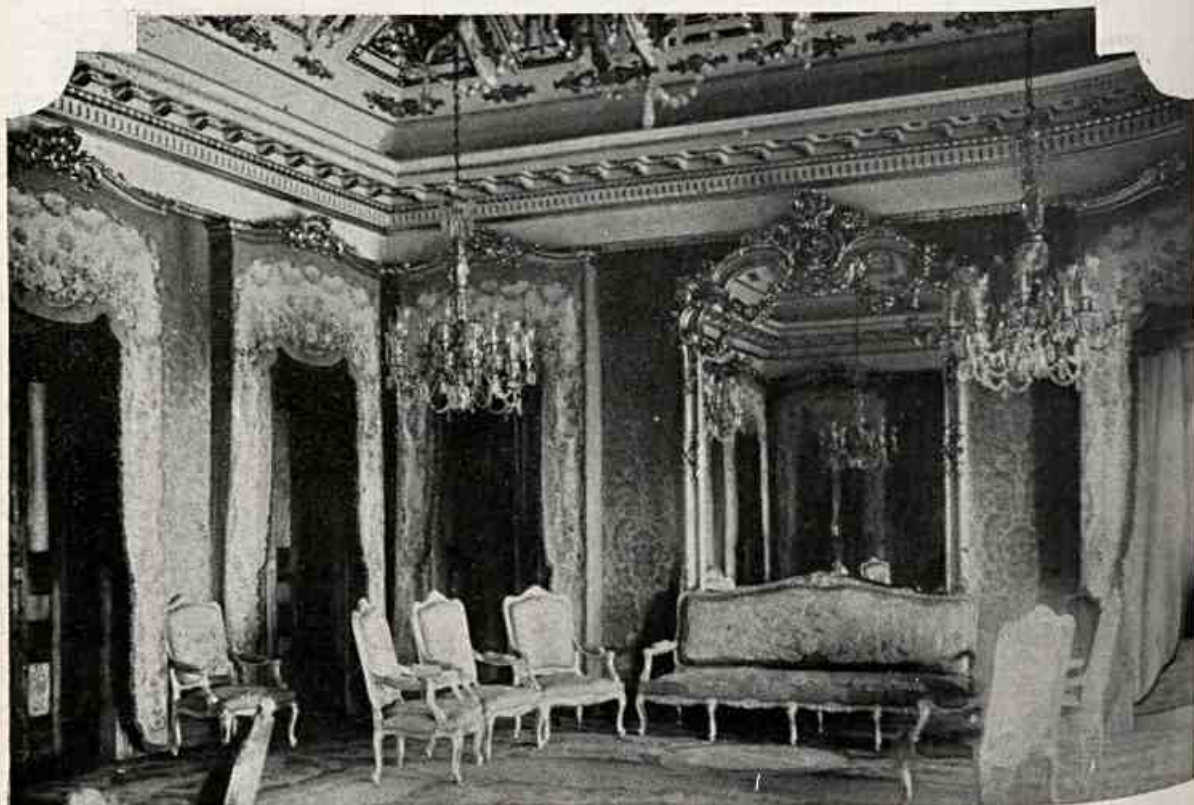
No primeiro pavimento, uma nova escadaria nobre, em marmore e arenito de Ipanema, com tres lances, de lindo desenho architectural, fez desapparecer uma antiga escada de madeira; os amplos salões, tambem reformados, apresentam um aspecto sumptuoso e bello, na sua austeridade, como o Rio Branco, onde ficou installado o gabinete de despacho do ministro.

Tambem foram remodelados, quasi totalmente, os salões de baile e de musica, não só no seu aspecto decorativo, como

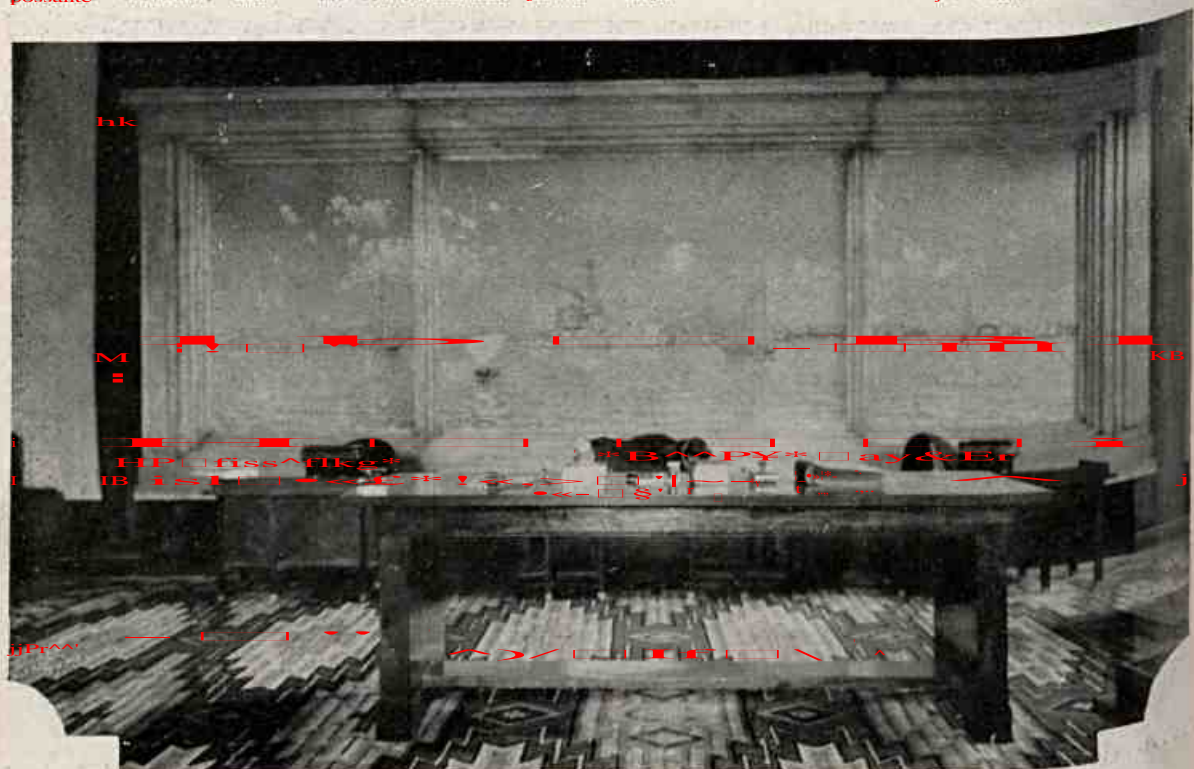
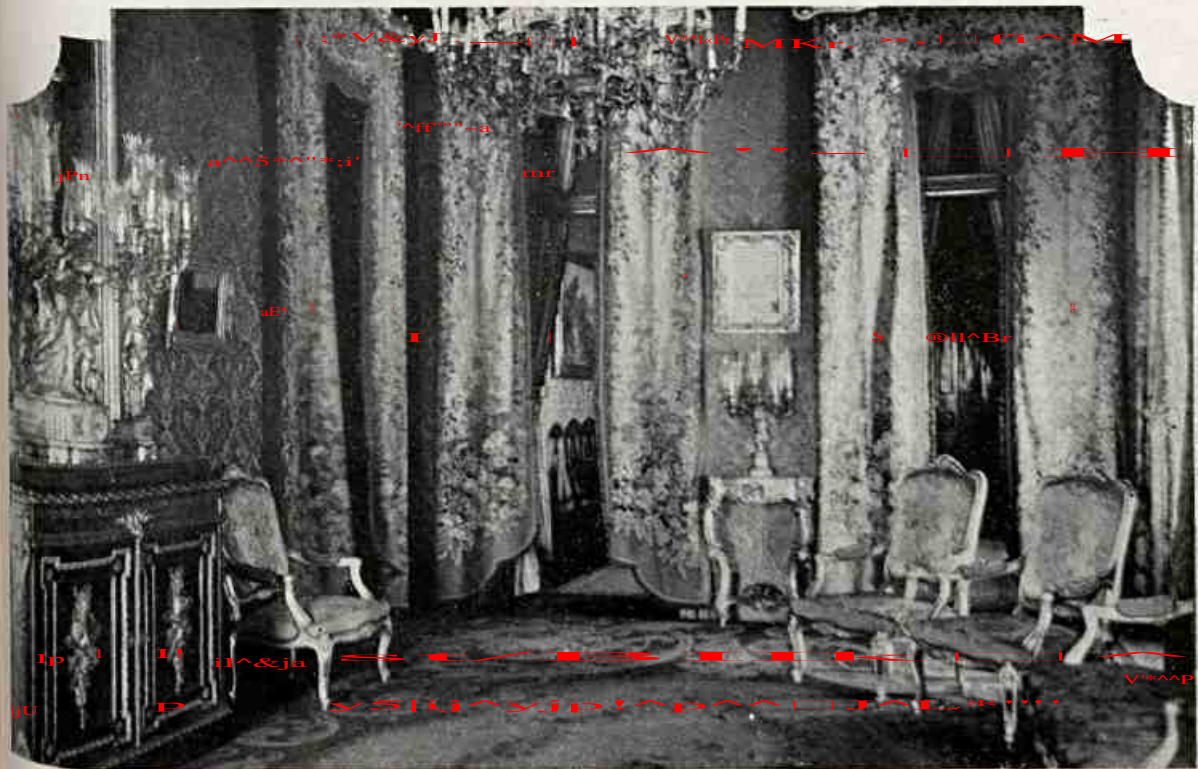
nas suas collecções de arte e mobiliario, que foram bastante enriquecidas.

O salão de recepções, as salas Ruy Barbosa, Nabuco, Pedro II, Regencia e Cotegipe, tambem tiveram o seu patrimonio artistico augmentado, recebendo guarnições novas para os reposteiros, gorgorões para as paredes, tapetes Aubusson e moveis, typo seculos XVII, XVIII ou Imperio francez. A galeria de quadros, onde se vêem originaes de Guido Reno, Corot, Watteau, Platzer, Gavarni, Meissonier, Carrier e varios mestres brasileiros, como Baptista da Costa, Pedro Americo, Parreiras, Navarro da Costa e muitos outros, foi toda emoldurada de novo.

Com o desapparecimento do saguão da antiga escada, de um corredor e de uma velha copa, encravada no salão de baile, foi o primeiro pavimento augmentado de quatro novas salas: a de jantar, cujas portas abrem para um terraço amplo, recentemente construido, em face do parque interior; o salão de musica, que é uma das peças mais bellas das novas installações, e dois vestibulos. Communica-se, agora, o salão de baile com a sala Lauro Muller, por dois varandins, de mosaicos de marmore branco e rosa, que correm lateralmente á escadaria interna.

O dr. Mauricio Nabuco, illustre filho de Joaquim Nabuco, director de secção do Ministerio das Relações Exteriores e official de gabinete do chanceller Octavio Mangabeira, de quem tem sido um dos mais intelligentes e dedicados auxiliares.

A sala de leitura, na nova Bibliotheca.

O Salão Nobre, tambem remodelado, do Itamaraty.

Passou tambem por grande reforma a vasta dependencia onde funccionam as varias secções de expediente do Itamaraty. Installou-se um possante elevador, abriram-se novas salas, sendo transformados em dependencias de trabalhos os tres torreões existentes no edificio. O mobiliario foi totalmente substituido, ahi, sendo as diversas salas atapetadas por alfombras fabricadas no paiz, com motivos indigenas, guaranys e marajó.

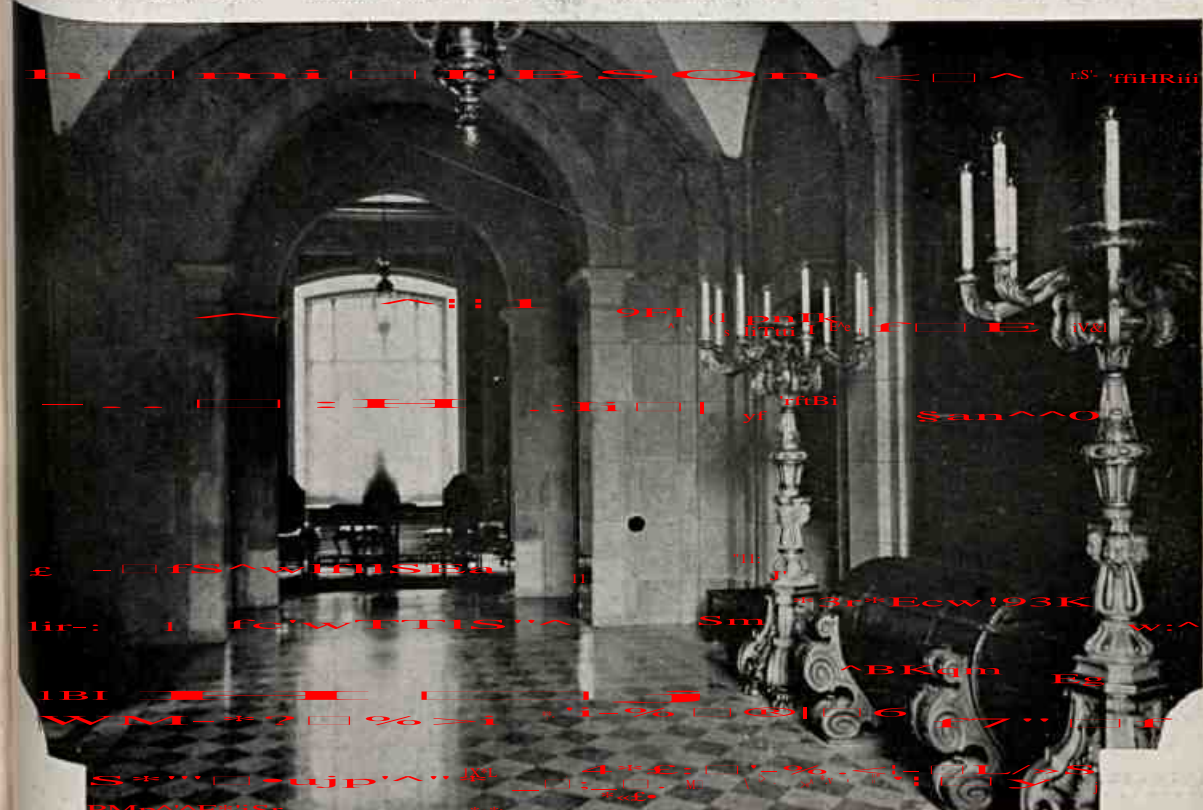
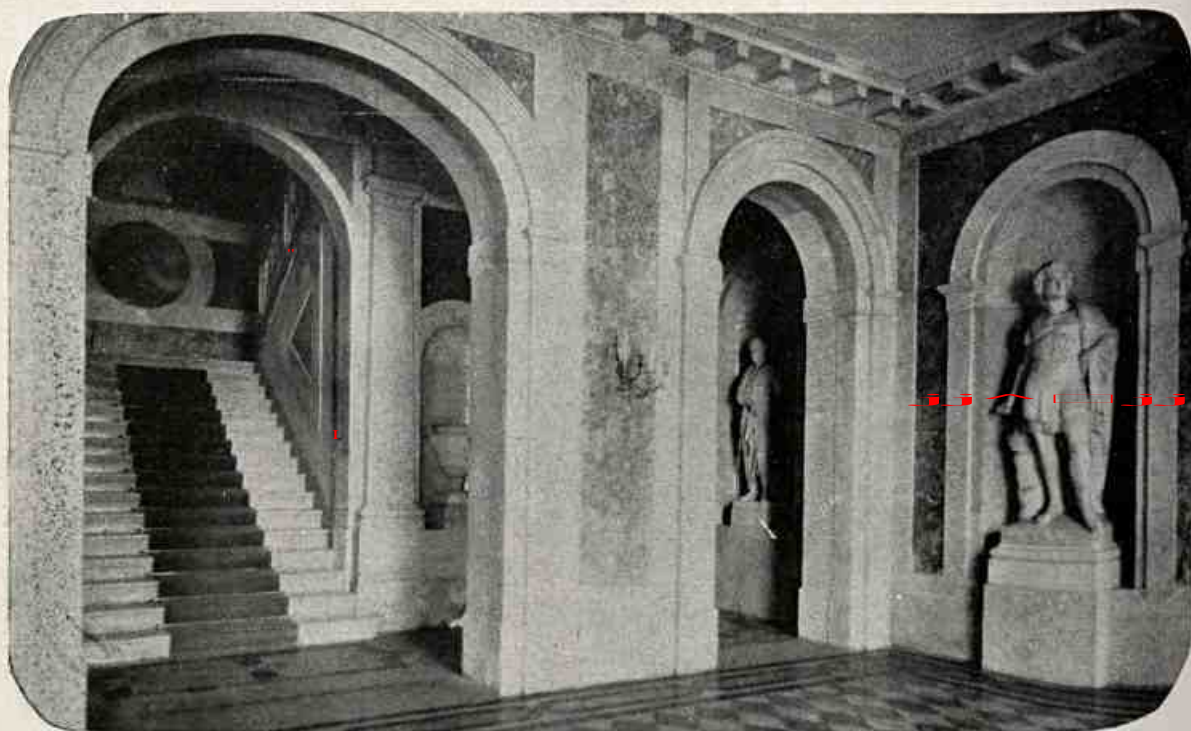
A nova Bibliotheca, com a sua linda fachada em estylo greco-romano, como as modificações introduzidas no primitivo edificio do Itamaraty, hoje completamente remo-

Moderna e confortavel sala de dactylographia, no edificio da Bibliotheca, onde se acha exposta uma bella e grande tela de Navarro da Costa.

Um dos sumptuosos salões, do Itamaraty, estylo Imperio.

delado, são obras definitivas e completas.

O edificio da Bibliotheca é, no genero, o primeiro da America do Sul, tendo obedecido sua construcção ás mais recentes conquistas da engenharia moderna. Ahi acham-se magnificamente installados os archivos, a collecção de livros, a mappotheca, a secção de encadernação e o grande deposito de publicações — toda a preciosa documentação da nossa Chancellaria.

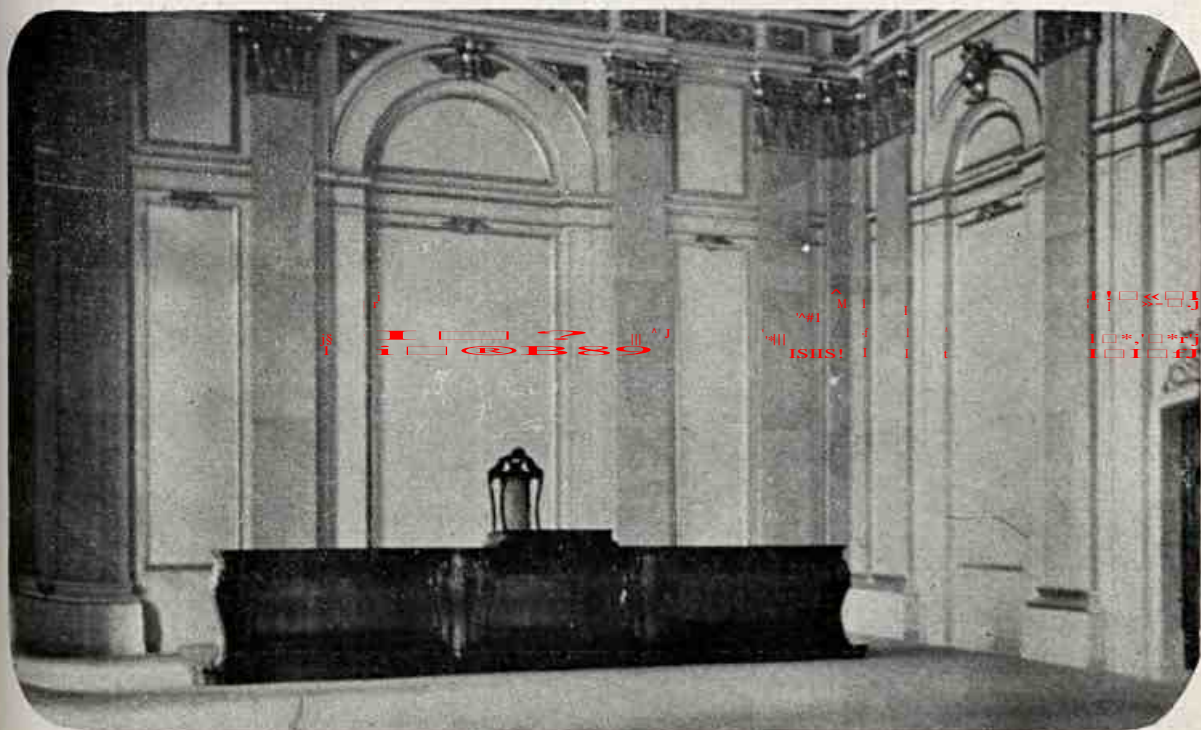
Os archivos e o armazem de livros são de cimento armado, amianthado, á prova de fogo, e occupam tres andares, fechando-se hermeticamente para que possam ser invadidos, por meio de jactos de gazes exterminadores de insectos. Dis-

O lindo «hall» de entrada do novo edificio da Bibliotheca.

Um aspecto do «hall», em marmore rosa, do Palacio Itamaraty.

podem de uma serie de dispositivos proprios contra incendio e possuem installação especial de refrigeração e arejamento. Consta o respectivo mobiliario, exclusivamente de grandes estantes de aço, as mais modernas que existem.

No sub-solo estão installados a grande casa forte, destinada á custodia de documentos importantes, e salões para os diversos machinismos de ventilação e desinfecção. No Archivo Central, é interessantissima a distribuição dos papeis dispostos em suas diversas séries, obedecendo essa arrumação a um conjuncto de principios para a maxima simplificação das pesquizas. Ahi tambem se encontram os differentes codices antigos que encerram os tramites das mais notaveis questões internacionaes do Brasil, bem como a enorme documentação das nossas missões especiaes relativas ás questões da Independencia, dos conflictos do Prata, da repressão do Trafico, das guerras do sul, dos nossos litigios territoriaes com a Argentina, Bolivia, França e Inglaterra e das negociações dos casamentos dos imperadores, etc.

Na Mappotheca estão em exposição algumas

Outro aspecto do «hall» e da escadaria interna.

O Salão de Conferencias, no novo edifício.

Um aspecto da moderna Cartotheca, em estylo manoelino.

peças, das mais notaveis, de um acervo que encerra preciosidades extraordinarias, como sejam um exemplar original do mappa de Martini, primeira carta em que se assignala o nome Brasil.

O Salão de Conferencias, nos moldes do setecentismo portuguez, é austero, amplo e lindo.

Todas essas reformas, levadas a effeito — como dissemos — com o fim de melhor aproveitar quanto existe no Itamaraty, transformaram completamente o antigo solar, renovando o fausto e o esplendor de seus amplos e bellos salões, dando novos e encantadores aspectos a suas varias dependencias.

Lindas collecções de tapetes, entre os quaes varios e legitimos gobelins, preciosos moveis de estylo, telas custosas, ricos candelabros antigos, tudo isso distribuido com apurado bom gosto, dá um aspecto de deslumbramento e de grandeza á séde do Ministerio das Relações Exteriores.

E' mais uma obra a juntar-se aos muitos titulos de benemerencia que teem affirmado a acção do nosso actual chanceller, tão serena quão fecunda no seu magnifico e patriotico esforço.

CARLOS LAUBISCH & HIRTH

RIO DE JANEIRO: *Rua do Riachuelo, 81/87 — Rua do Ouvidor, 86*
BAHIA: *Ladeira de São Bento, 7*
SÃO PAULO: *Praça Ramos de Azevedo, 16*

Forneceram entre outros trabalhos executados para o Ministerio das Relações Exteriores, o seguinte:

NOVA BIBLIOTHECA

SALA DE CONFERENCIAS: Portas decorativas de jacarandá, em alto relevo, com rosetas de bronze dourado.

Grande mesa presidencial de estylo "D. João V", em jacarandá da Bahia, rica execução, toda de

linhas curvas e guarnecidas com ricas molduras pilastres e ornatos finamente esculpidos, sendo tudo de jacarandá massiço.

Execução de todos os trabalhos de estuque e decoração, sobresahindo o trabalho do tecto, notando-se a perfeição nas outras partes.

SALA DE LEITURA: Estantes para livros, embutidas nos nichos das paredes e lambris em volta, executados em cedro laqué, com pinturas decorativas em estylo colonial e com finas esculpturas.

SALA DE CATALOGOS: Lambris em volta de toda a sala de execução de Contadores, de estylo "Manoelino", feitos em jacarandá da Bahia, destinados á Cartotheca.

SALA DE DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS: Lambris e balcão curvo.

Nestas ultimas salas, os trabalhos de estuque obedecem aos estylos e foram, como os parquets para todas as salas, executados pela mesma Firma.

A Liga «Miss Bondade», instituição recentemente fundada nesta capital com o fim de amparar, por meio de movimentos philanthropicos, os desprotegidos da sorte, e em cuja directoria figuram todas as «misses» cariocas e fluminenses, entre as quaes «Miss Andarahy», que esteve nesta redacção, realizou, sabbado ultimo, no Club dos Bandeirantes, a sua primeira festa — uma vesperal dançante, que teve grande brilho mundano, reunindo, além de todas as representantes da belleza local e mais as senhoritas Fernanda Gonçalves («Miss Portugal»), Olga Bergamini de Sá («Miss Brasil 1929»), e Marietta Relvas («Miss Fluminense 1929»), varias figuras distinctas da nossa sociedade. Esta pagina focaliza tres detalhes da festa inaugural da Liga «Miss Bondade».

Os «footballers» norte-americanos do «team» que representou os Estados Unidos no campeonato mundial de Montevidéo jogaram domingo, nesta capital, com um combinado carioca. O encontro realizou-se no stadio do Fluminense F. C. e foi verdadeiramente sensacional, pelo interesse que despertou nos nossos circulos sportivos e pelas phases emocionantes que offereceu a toda aquella grande

...assistencia que se comprimia nas archibancadas do campo da rua Álvaro Chaves. Os jogadores da «United States Football Association» enfrentaram os brasileiros com denôdo, mas foram brilhantemente derrotados pelos nossos «footballers», que conquistaram assim mais uma das mais expressivas victorias internacionaes. Estão aqui os «teams» adversarios e dois instantaneos do jogo.

Um segredo antigo

ENTRE as grandes invenções, cujo segredo se perdeu com a antiguidade, quando do naufragio da civilização mediterranea ao embate dos barbaros, se enumeram a de tingir de purpura, a de tornar o vidro malleavel e a de liquefazer o ouro.

Desta ultima fala a propria Biblia. Segundo o Exodo e o Deuteronomio, Moisés, após ter quebrado o bezerro de ouro, reduziu-o a pó e, misturando-o á agua, deu-o a beber aos israelitas. Eis aqui os textos sagrados: "Arripiensque vitulum quem fecerant, combussit et contrivit usque ad pulverem, quem sparsit in aquam, et dedit ex eo potum filiis Israel" (Exodo — cap. XXXII — v. 20). "Peccatum autem vestrum quod feceratis, id est, vitulum, arripiens, igne combussi, et in frusta comminuens, ominoque in pulverem redigens, projeci in torrentem, qui de monte descendit" (Deuter. — cap. IX — v. 21).

O segundo texto não elucida tão bem o caso como o primeiro. Commentando-os, Dutens, no seu livro sobre as invenções e descobertas dos antigos, que os modernos julgam suas ou cujo segredo se perdeu (edição de 1776), faz judiciosas considerações. Acha que esse ouro potavel a que Moisés reduziu o celebre bezerro fabricado por Aarão, foi o resultado de uma operação chimica muito natural, muito possivel, embora extremamente difficil.

Sabe-se que o legislador hebreu era um iniciado isiaco, hermetico, que, nas collegiadas scientificas e sacerdotaes dos templos egypcios, estudara, profundamente, as sciencias esotericas. Quanto á difficuldade da operação de liquefazer totalmente o precioso metal, Boerhave, antiquissimo chimico, se manifesta, dizendo ser a principal e a menos conhecida de todas as dessa natureza. Outros chimicos são de opinião que é impraticavel. A' pagina 604 dos seus Elementos de Chimie, diz o citado autor, textualmente: "Le fameux Joel de Langelot dit dans ses ouvrages que la seule attention suffit pour dissoudre entiérement l'or. Et l'ingénieux Homberg assure que l'eau simple, broyée longtemps avec certains métaux, et même avec de l'or, a dissous ces corps si parfaitement qu'ils en sont devenus potables."

Borrichius, no seu famoso tratado De Sapientia Egyptiorum et Chemicorum, varias vezes se refere á tintura de ouro, nas paginas 293, 294, 306, 410 e 415. O mais curioso, entretanto, é que um soberano relativamente moderno, sobretudo em comparação á idade do bezerro aureo do Exodo, quiz que, por sua determinação, se tentasse a difficil tarefa. Foi Frederico III, rei da Dinamarca e da Noruega.

Em pleno seculo XVII, o soberano escandinavo nomeou uma commissão de chimicos notaveis, afim de praticar a operação attribuida á Moisés pela Escriptura Sagrada e á sciencia dos antigos sacerdotes egypcios por todos os tratados de magia, alchimia e occultismo de todas as epocas.

Conta Dutens que os sabios membros dessa commissão conseguiram realizar a magna operação prescripta por Boerhave; mas, seguindo pari-passu o methodo mosaico, isto é, reduzindo primeiro o metal em diminutas particulas por meio do fogo, em seguida esmagando-o num almofariz com agua até tornal-o em verdade potavel. O velho e erudito francez conclue com estas palavras: "Le fait ne peut être revoqué en doute, et il n'a rien de surnaturel; nous savons que Moïse était instruit dans les sciences des egyptiens."

Quanto ao ultimo item, ninguem pode mais ter duvidas. A documentação dissipa-as. Os Actos dos Apostolos, os Estromatos de S. Clemente de Alexandria, o De vita Mosis de Philo Judaeus, bastariam bem para elucidar o caso. Ademais, os antigos ignoram que, no Egypto antigo, como na India, é que todos, de toda a parte, iam procurar a sciencia. Já Deodoro Siculo escrevia: "... omnia Aegypto certe preceperunt adhuc quae apud Graecos fecere admirabilis."

O que merece duvidas é a affirmação da potabilidade do ouro. Si a perda da receita de tingir a purpura faz saudades aos que amam o bello e o luxuoso; si a da malleabilidade do vidro faz falta aos progressos de hoje, eminentemente praticos, a do ouro parece que a de liquefazer como seria completamente inutil, desde passatempo de alchimista desoccupado, vá lá. Como resultado vantajoso para qualquer applicação nada vejo. Todavia, esse estudo tem preoccupado sabios e estudiosos através de muitos seculos.

Sem saber chimica, nem hermetica, nem latim, muitas vezes nem o portuguez, os estadistas e financistas da nossa inefavel republica têm sido os mais completos liquidificantes de ouro de que ha noticias nos annaes da humanidade...

Avozinha querida

— Avózinha onde estão
As rugas que d'antes tinha?
— Lavei-as com Eucalol
E fiquei nova, netinha.

Foi uma nota de grande expressão artística e social a solennidade da abertura da exposição de quadros do illustre paizagista patrício Jorge Drummond de Mendonça, realizada na tarde de sabbado, no salão do Palace Hotel. Estiveram presentes as figuras mais representativas das nossas artes e das nossas letras e também elementos de destaque na sociedade carioca, que apreciaram devidamente as paizagens brasileiras fixadas de maneira tão impressiva nas télas magníficas do festejado pintor. Antes do acto inaugural da sua exposição, Jorge de Mendonça offereceu uma taça de champagne aos seus convidados.

O jornalista Annibal Bomfim, que é o chefe da publicidade da Companhia Telephonica Brasileira, dirigindo, também, presentemente, na ausência do sr. F. C. Scovile, toda a publicidade da Light, recebeu, quinta-feira penultima, uma expressiva e carinhosa homenagem dos seus collegas da imprensa carioca, que se reuniram na séde daquelle departamento para festejar cordialmente a data natalicia de tão estimado confrade. Surprehendido assim no seu gabinete de trabalho, Annibal Bomfim teve que ouvir, silencioso e commovido, depois dos abraços de todos, a palavra eloquente do interprete dos jornalistas presentes, o escriptor Berilo Neves, que falou pouco, mas soube dizer, com o brilho da sua intelligencia e a effusão da sua alma brasileira, o sentimento de todos pela data do collega illustre que alli se homenageava. Paulo de Magalhães também falou. Falou em versos humoristicos, escriptos especialmente para aquella hora de cordialidade jornalistica. Annibal Bomfim, sensibilizado, disse duas palavras de agradecimento á manifestação espontanea dos confrades, e terminou convidando-os para um «cocktail», que todos acceitaram sem o menor constrangimento...

A Casa do Disco

Sr. Oswaldo Waddington.

Sr. Edmundo Bragante.

Revestiu-se de excepcional brilhantismo a inauguração, a 18 do corrente, da *"Casa do Disco"*, de Waddington & Bragante, sita á rua do Chile n. 29, moderno e modelar estabelecimento no genero e o melhor apparelhado com modernissima secção para concertos de Radios, Electrolas, Victrolas, etc., etc.

Com amplas installações, em obediencia a todos os requisitos incessantes do progresso commercial, a *"Casa do Disco"* offerece ao nosso publico vastissima secção de varejo, com o maior e mais variado Stock de Discos e Victrolas, das mais reputadas marcas: *Victor*, *Parlophon*, *Odeon*, *Columbia*, *Brunswick*, *Polidor*, *Pathé*; apparelhos de *Radio*: *Victor*, *Philips*, *Telefunken*, *Stromberg Carlson*, etc., etc., sendo os unicos distribuidores dos afamados Discos e Phonographos: *"Parlophon"*, innegavelmente preferidos pelo mundo elegante e de bom gosto.

Compõe-se a firma dos Srs.: Oswaldo Waddington, denodado, operoso e conceituado commerciante desta praça, onde desfructa as melhores relações e amizades que lhe são justas, e o Sr. Edmundo Bragante, bastante relacionado em nosso commercio, gozando do mesmo conceito.

Ao acto inaugural, achava-se presente selecta assistencia, representada pelo alto commercio, imprensa, mundo *chic* e elegante, assim como grande numero de amigos, deixando a todos a melhor impressão. Cumpre salientar o impeccavel cavalheirismo dos dignos socios da firma, incançaveis em gentilismos e attenções a quantos assistiam a este grato acontecimento que vem honrar a nossa capital, concorrendo para seu progresso, com mais um estabelecimento de primeira ordem.

Com o gracioso concurso de populares artistas, foram ouvidos varios trechos musicaes que muito agradaram, sendo os mesmos irradiados do proprio local pela Sociedade Radio Educadora do Brasil.

Que lhe seja traçada uma rota segura de prosperidade real e fecunda.

Um aspecto tomado por occasião da inauguração.

A posse da nova directoria do Centro Mattogrossense realizou-se no dia 15 do corrente, sob a presidencia do senador Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado e figura illustre da colonia mattogrossense nesta capital. As photographias que aqui estampamos fixam dois detalhes dessa solennidade, vendo-se a mesa que a presidiu e os membros da nova directoria do Centro Mattogrossense.

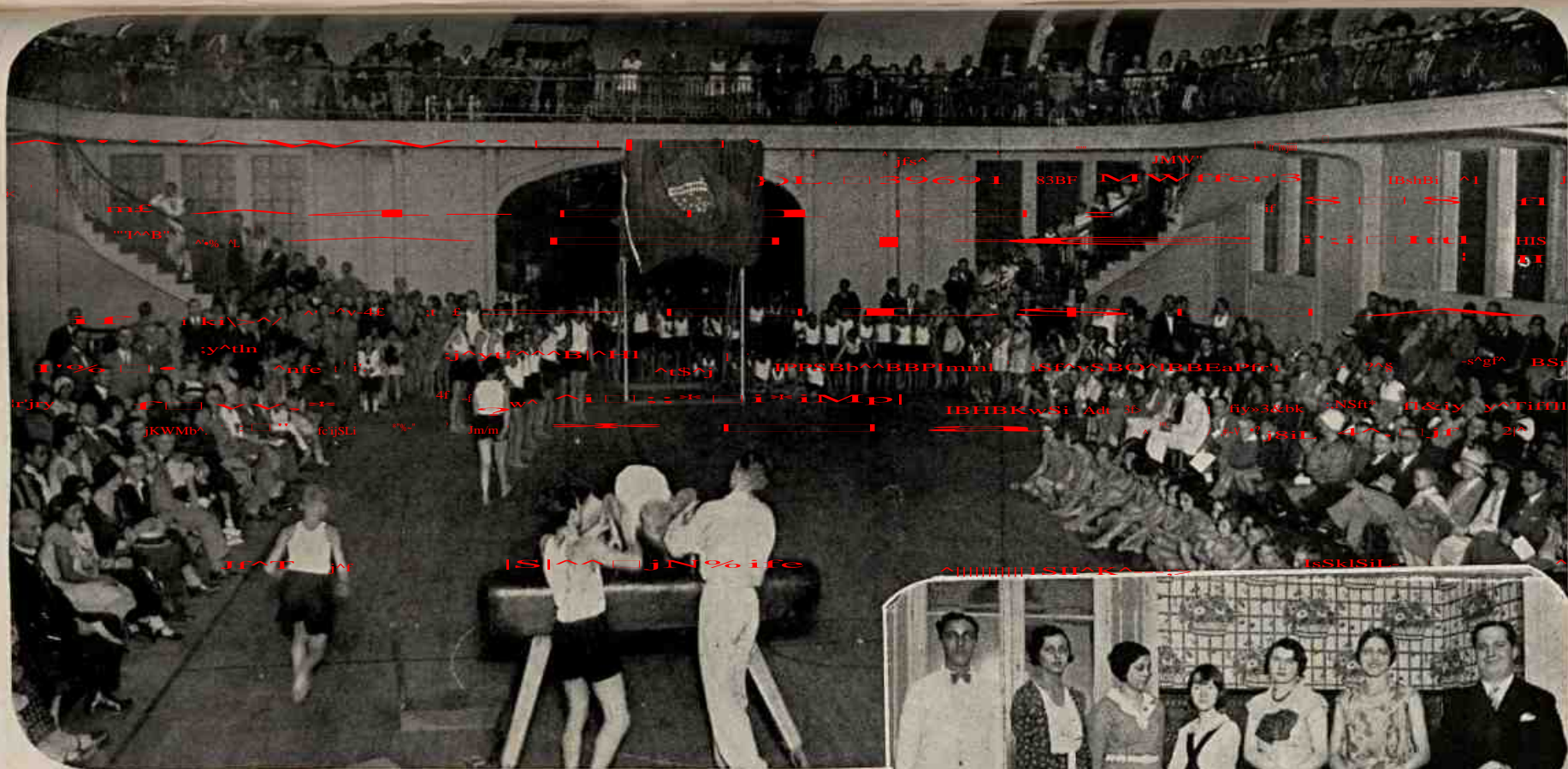
Em brilhante festa, que se realizou sabbado ultimo, na séde do Centro Paulista, o Centro Pernambucano empossou a sua nova directoria, recentemente eleita. Após a solennidade da posse, houve uma hora de arte, na qual tomaram parte figuras applaudidas dos nossos salões, terminando a festa com animadas danças, que se prolongaram até tarde.

O Segundo Salão dos Artistas Brasileiros foi encerrado com a conferencia que o professor Pierre Michailowsky realizou no recinto daquella exposição de arte, focalizando a crise do theatro moderno, sob o ponto de vista da arte. Antes da palestra do professor Michailowsky, a festejada bailarina Vera Grabinska executou interessantes numeros de danças classicas, e Olegario Mariano e Paschoal Carlos Magno disseram lindos versos de sua autoria, que o auditorio applaudiu vibrantemente.

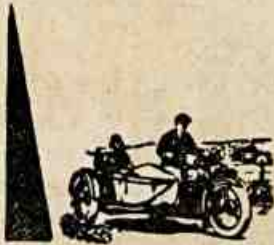
FILIGRANAS

Aquella casa da Avenida Atlantica que tem a forma dum C, porque o seu dono se chamava Cicero, é o castello da Europa, o Rumeli-Hissor, o Boghas Keçan do Rio do Janeiro, pois essa fortaleza turca desenha, vista do alto, com seus muros e torres, na escripta ottomana, as quatro letras M. H. M. D., que formam o nome de seu fundador Mahomet II, ou melhor Mohammed.

E' muito difficil, já se vê, quem consiga ser original neste mundo. Tudo o que se pensa ter inventado, ás vezes tem muitos seculos de idade...

S. ex. o presidente da Republica visitando o «stand» da firma Ernesto Igel & Cia., representantes dos afamados fogões allemães Junker & Ruh A. G., na III Feira de Amostras.

FILIGRANAS

Grutescamente feio, o anão passou por mim, abrindo os beiços num riso idiota. E eu pensei nos anões celebres na historia, que alegraram o selar dos reis, como Perkeo do eleitor Carlos Philippe e Pertusato de Philippe IV de Espanha, em torno dos quaes volteou a intriga e cujas linguas viperinas teceram a trama de vinganças terriveis e de horrendas tragedias. A suprema abjecção physica desses entes disformes põe-nos fora da humanidade, quasi ao nivel dos animaes, e elles vingam-se della como podem....

Em cima: um aspecto da festa sportiva que a Escola Allemã realizou sabbado á noite, no Gymnasio do Fluminense Football Club. Em baixo: os artistas que tomaram parte na hora de arte promovida em sua séde pelo Centro Social Feminino.

GURIATAN DE COQUEIRO...

De DANTE ALVES BARBOSA

FOI numa casa de victrolas do Rio de Janeiro. Entre os perfumes e os ruidos da civilização, a "toada" do norte. A alma dum sertanejo exposta ao dynamismo de uma cidade moderna.

O povo, o povo pobre que não póde ter victrolas em casa, amontoava-se em frente ao estabelecimento. A rua estreita, cheia de gente, me impellia a ouvir aquella "toada", na qual a voz chorosa e pungente do sertanejo, ao som do "pifano" e do "batuque", gemia, docemente:

"Guriatan de coqueiro,
Fugiu de sua gaiola..."

Coisa sublime!

Já me preparava para seguir o meu caminho, quando reparei num velhinho que tinha o ouvido collado na victrola e tirára o grande lenço vermelho com o qual enxugára duas lagrimas compridas que lhe corriam pelas faces.

Não me pude conter: interpellei-o.

E o bom velhinho, depois de passar, nos olhos, mais uma vez, os dedos amarellados pelo fumo, contou-me a causa daquellas lagrimas.

A "toada" que ouvira era da autoria de um seu sobrinho: Zeca Ignacio. O vaqueiro mais destemido de sua terra, o violeiro mais estimado pelas mulheres do lugar.

Zeca Ignacio, como todo o mundo, um dia, se casou. Ficou mais vaqueiro e menos violeiro.

Mas, um dia, a mulher fugiu-lhe com um athleta branco e musculoso que passára por ali.

A historia de sempre...

Acabou o vaqueiro Zeca Ignacio. E appareceu o philosopho-violeiro que deliciava aquellas redondezas.

E sempre com allusões, elle cantava para o seu amor infeliz!

E, como para terminar essa historia de um amor infeliz, a menina da casa de victrolas, sorridente, de olhares tentadores, saltitante, provocante, repetia o disco que arrancava soluços do pobre velhinho:

"Guriatan de coqueiro,
Fugiu de sua gaiola..."

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NOITE DE PRINCIPE (?...)

Cinema PATHE' PALACE — Um filme francez que honra a cinematographia daquelle paiz. Enredo movimentado, ardente de paixão, de sequencia cuidadosa e de finalidade violenta e interessante. A interpretação é brilhante, se bem que em certas situações se tenha a impressão sempre desagradavel de que os artistas não estão em frente a uma objectiva, mas no palco. A interpretação, descontando esse pequeno senão, deixa o espectador satisfeito. Gina Manes, com a sua formosura, sabe despertar-nos interesse pelo seu trabalho, se bem que, dentre todos os interpretes, Jacqus Catelain nos parecesse o melhor. Este filme, que é, sob o ponto de vista geral, um bom filme, tem apenas a diminuir-lhe um pouco o valor o trabalho de laboratorio, que está muito longe de ser perfeito.

F.

Cotação — BOM

VALSA DE AMOR

DA UFA

Cinema IMPERIO — Pura opereta viennense, com todos os matadores "classicos". A maior qualidade que apresenta esta pellicula da Ufa é a interpretação. Lilian Harvey, a linda artista cujo nome o nosso publico vae decorando (o que representa uma demonstração de successo), e Willy Fritisch, são os heroes. Nestas duas creaturas ha uma exuberante mocidade, razão maxima do seu agrado. O scenario é por egual mettido dentro duma quadratura de episodios vivos, alegres, illuminados de graça e fantasia. A direcção não apresenta cousas excepcionalmente grandiosas; mas todo o trabalho é limpo, isto é, rigorosamente artistico, deixando uma impressão de excellente agrado. O publico carioca, que se vae habituando claramente á technica dos *ateliers* germanicos, accorrerá com enthusiasmo e prazer a este filme, que marca um legitimo successo da Ufa.

Cotação — BOM

A CAMINHO DE HOLLYWOOD

DA FOX

Cinema ODEON — Uma engraçada comedia com numeros musicaes de excellente inspiração. Não se trata evidentemente de um filme de primeira classe; mas constitue um espectaculo agradabilissimo e honra na sua contextura a marca da Fox. O enredo é leve; a interpretação regular, se bem que, entregue a espiritos mais brilhantes, resultaria sem duvida numa obra de maior interesse. A vida intima dos "studios", que é na pellicula um attractivo, não desperta curiosidade por ser demais vulgarizada. Finalmente, esta pellicula impõe-se pela graça, pelos trechos musicaes e pela valiosa obra technica, como de resto acontece smepre á producção Fox.

Cotação — BOM

RIO RITA

DA WARNER BROS.

Cinema ELDORADO — Confessamos a nossa hesitação ao escrever sobre esta pellicula. A verdade é que ella não corresponde ao alvoroço com que se lançou; mas tambem é verdade que não se póde negar-lhe altas qualidades de belleza e de realização. O ambiente em que a acção decorre é interessante, movimentada a sua vida. Não se pode emprestar-lhe grande originalidade. Já se viram scenarios eguaes, isto é, identicos em varios outros filmes. O argumento é no emtanto bastante sentimental e agradavel, embora o seu desenvolvimento se arraste um tanto em certas situações. A musica é de boa inspiração, mas evidentemente o filme, sob este aspecto, se prejudica com *doublures* de canto pouco veladas. A interpretação é, em geral, boa. Bebe é ainda a actriz de grandes recursos scenicos, que derivam da sua belleza e do seu talento em sentir as creaturas que cria. Direcção regular, technica bôa.

Cotação — BOM

O que nem todos sabem

E', actualmente, objecto de grandes controversias, um novo tratamento contra a tuberculose, posto em pratica pelo dr. Bielfeld, em Westfalia. Consiste o mesmo quasi que essencialmente em submetter os enfermos a uma dieta especial cuja base é a suppressão do sal e da carne.

* * *

Commemora-se no corrente anno o 25.º anniversario do alcatroamento das estradas de rodagem, medida que trouxe grandes vantagens para os automobilistas, e é devida ao medico francez dr. Guglielminetti, que por ella se bateu durante annos, conseguindo, afinal, a sua adopção.

Em pouco tempo, essa providencia era universalmente acceita.

O Automóvel Club da França, reconhecendo o valor da iniciativa do dr. Guglielminetti, conferiu-lhe ultimamente uma medalha de ouro, commemorativa do quarto de seculo de util applicação daquella medida.

* * *

Certa manhã de 1870, appareceu nas ruas da cidade de Dublin, na Inglaterra, a palavra "Quiz" escripta nas paredes. Todo mundo indagava o mysterio dessas quatro letras, sem significação no idioma inglez, surgidas de repente, como por encanto. Soube-se, depois, que eram o resultado de uma aposta feita por um empresario, que se compromettera a popularizar uma palavra nova, sem significação alguma, no espaço de vinte e quatro horas. E, naturalmente, ganhou a singular aposta.

* * *

Por meio de rêde terrestre, cabos submarinos e a radiotelephonia, cerca de 25 paizes acham-se actualmente ligados com os Estados Unidos por via telephonica. Tal facto indica que, dispondo aproximadamente de 60 % dos telephones do mundo, os habitantes dos Estados Unidos podem manter-se em communicação com mais de 85 % de todos os telephones existentes na terra.

* * *

A ilha de Chypre, situada no Mediterraneo oriental, á entrada do Golfo de Alexandretta, foi centro da exploração do cobre. Seu primitivo nome — Kuprum ou Kiprum — deu origem á designação desse metal.

ESPIRITO ALHEIO

— Vamos ver: você é um homem de energia, capaz de grandes empresas?
— Sim, senhor.
— Então ponha-me fóra daqui, a pontapés, este insolente!

— Escute, senhor; não lhe posso pagar o aluguel... Quanto me dará si me mudar o mais depressa possivel?

O avô. — Vejo que andas com Ella, a "estrella" de cinema.
O neto. — O senhor tem alguma objecção a fazer?...
O avô. — Nenhuma, pois eu mesmo a acompanhava quando tinha a tua idade.

AS PIRANHAS

(CONTO TRAGICO-SENTIMENTAL)

TARDE fria. Uma aragem, levemente, soprava rio abaixo, ondulando a agua quieta dos remansos. Solidão completa. Só, de quando em vez, o grasnar dalgum marreco dagua, que voava da margem do rio para as ilhotas fronteiras, vinha quebrar o silencio de morte que ali reinava.

Claudio, filho do fazendeiro, e Bento, um escravo da fazenda, com paciencia de Job, esperavam o beliscão dalgum peixe.

— O açude não quer dar nada, hein? Nem um lambary ainda beliscou o meu anzol — disse Claudio ao seu companheiro de pescaria.

— Tempo frio, moço, tempo frio — falou o preto velho, renovando a isca de seu anzol de trahyra. Hoje não se pega nada. *Mas* tarde, si *vancê* quizer, poderemos tentar uma pescaria de bagre. E' o unico peixe que sae das lócas de pedra com esta friagem.

— Vamos embora que é melhor. Deixemos isso para ou ro dia.

Bento, habituado toda a sua vida a cumprir ordens, tratou logo de amarrar os caniços e guardar no sacco de matalotagem os diversos objectos de pescaria que se encontravam espalhados pelo chão.

Escurecia. Pyrilampos, com as suas lanternazinhas mysteriosas, voavam da orla da matta para o meio do pasto, cheio de macégas. Das touceiras de bambús que eram a divisa da fazenda com o sitio vizinho, sahiam, á procura de alimento, morcegos e corujas espantados.

Chegaram á porteira da encruzilhada. Ao abril-a, Claudio notou que o velho escravo ficára indeciso, a physionomia transtornada.

— Que tens, Bento? — fez Claudio.

— Ah! patrãozinho! Neste caminho em que *vosmecê* quer ir e que vae dar lá no Açude das Piranhas, sitio hoje abandonado, aconteceu um dia — eu era rapagote — um caso de arripiar os cabellos. Vamos por esta trilha aqui, patrão, e eu contarei como foi.

Claudio apreciava as narrativas daquella gente simples, que, sem almejar nada mais além de sua manutenção, levava toda uma existencia sempre junto a um cabo de enxada. No emtanto, alguns eram felizes, muito felizes até. Foi, pois, com interesse que insistiu para que o bom do velho contasse o que havia succedido. Este, accendendo seu isqueiro de pedra, parou, e, com a mão em concha, para evitar o vento da noite, communicou a fagulha ao fumo resequido de seu cachimbo de barro. Aspirou a fumaça em longos haustos, soprou-a pelo canto da bocca e começou:

— "*Vancê* já deve ter reparado o açude que fica lá em baixo, perto da grota, onde antigamente era o moinho. A' beira daquelle açude não podia chegar criação de especie alguma para beber agua. Era *assim* de piranhas, um *desperposito*. Uma vez jogaram, de *judiaria*, o cachorro do compadre Rogerio dentro daquella *infernaria*. Passado um instantinho, foram puxar o arame no qual estava amarrado o pobre animal e só encontraram o esqueleto sem um nada de carne. Agora, si bem que tenha ainda muita piranha, o local está mais devastado. Quando a gente passava lá *encima* da ponte e olhava aquella agua preta, parada, denunciando uma fundura medonha, sentia até calafrios de medo. Si se jogava qualquer coisa dentro dagua, só se viam os lombos dos peixes carniceiros nadando de um para outro lado, apparecerem á tona dagua. Pela margem, sapos, antanhas e cobras peçonhentas, enroladas em caracol, esquentavam-se sob o calor do sol. A não ser isso, ninguem diria que a morte morava naquelle açude apparentemente inoffensivo, quasi todo coberto de flôres aquaticas.

"Imagine, moço, — veja como as crianças são levadas do diabo — imagine que eu gostava de sentar-me ali nas taboas da ponte para jogar, aos peixes, brôa de milho e restos de comida que sobravam da fazenda. Si o gôgo matava uma gallinha, eu sahia a correr, levando-a ao açude. Gostava de ver a briga em que se empenhavam as piranhas, na disputa do alimento. A tarde toda eu a passava encarapitado na ponte da grota. Era o maior amigo dos peixinhos, era eu quem os alimentava. O patrão, avô de *vosmecê*, mandou construir uma cerca em volta do açude *p'ra modi* diminuir a mortandade de criação que, sem prever o perigo imminente, dali se aproximava".

Mas que tem o açude com o teu caso? — fez Claudio, impaciente.

Bento cuspinhou para os lados e disse, com voz triste:

— Pois é ahi, *sinhozinho*, que começa a historia. A não ser eu, ninguem mais no mundo sabe desse episodio. Nunca me esquecerei, nunca.

E continuou:

— *Vancê* vê atraz daquella roça de milho, ali ao lado da chacara, uma plantação de café? E' a melhor lavoura que ha na fazenda. Foi replantada diversas vezes e quasi tem a minha idade, sessenta annos. Quando se começou a cortar a mattaria — tudo aquillo era matto fechado — para fazer a queimada, eu andava pelos meus doze annos. Carregava comida para a turma, no eixo. O administrador era um homem *brabo* como nunca vi igual. Andava sempre com um grosso relho na mão e por dá cá aquella palha, zaz! — era uma tunda que quasi matava os pobres escravos. Si o coitado protestasse, então é que a coisa peorava: amarrava a victima numa arvore e tome bacalhau té o sangue jorrar em borbotões. Chamava-se Juca, tal féra.

"Um dia, estando nos seus azeites, achou de implicar com um pobre velho, o nh'Ofre, que, rheumatico, sob uma paralysia dos musculos da perna, estava apoiado ao cabo da enxada, gemendo de dores.

" — Olá, negro velho, trabalha e deixa de estar encostando o serviço. Anda já, *seu* preguiçoso.

"Dizendo isto, o homenzinho chicoteou, pelas costas, o infeliz homem.

" — Patrão, — gemeu o coitado — 'stou doente, doem-me as pernas, os rins...

" — Mentira, pura mentira, — preto de uma figa! — bradou o administrador, espumando de raiva.

"Levantou o velho e chicoteou o pobre trabalhador em pleno rosto. O ancião, completamente fóra de si ficou parado, extatico, petrificado. Dos seus olhos corriam, quatro a quatro, lagrimas sentidas. Chorava, não pela dôr physica que sentia, porque esta é curavel, desapparece com o tempo, mas sim pela dor moral, essa que fica gravada eternamente em nosso coração. Chorava de vergonha, elle que nunca fôra reprehendido durante sessenta annos de contínuo servir ao avô e até bisavô de *vosmecê*.

AS PIRANHAS

(Conclusão)

"Ah! *não* moço... Preto velho, escravo, tambem tem vergonha, tambem sente. Aquellas chicotadas applicadas no rosto de um homem, no meio de tantos camaradas, companheiros de trabalho, foram ecoar bem lá no fundo de seu coração africano, bradando vingança... vingança!

"Dois dias passaram. No terceiro, ás seis horas da tarde, estava eu na grota do açude das piranhas, a arrancar inhame para os porcos, quando fui testemunha de uma scena horrivel. Juca, o administrador da fazenda, ao atravessar a ponte, encontrára, frente a frente, com nh'Onofre, o velho rheumatico que elle chicoteára. A scena foi rapida, muda, brutal. O velhinho avançou em direcção do administrador e agarrou-o pelo peito da camisa. Este, muito mais forte, subjugando o escravo, empurrou-o de encontro aos paus lateraes da fragil ponte, e estava a sacar de uma faca, quando as taboas, carcomidas de broca, se fenderam num ruido secco, tragico. Os dois corpos precipitaram-se, agarrados, no meio do tenebroso açude.

"Quando corri a ver si salvava o velhinho, só vi, sobre a agua preta, uma extensa pasta de sangue coagulado. Os lombos das piranhas, sempre esfomeadas, de quando em vez se mostravam, aqui e ali, tintos de sangue. E eu, que vivia a alimentar aquelles peixes ferozes, tenho, até hoje, esse grande remorso na minha vida.

"E' por esta razão, *nho* Claudio, que eu não quiz ir com *vosmecê* pelo caminho da porteira. Faz hoje 48 annos que isso se deu. Seria recordar..." — concluiu o velho com os olhos marejados de lagrimas.

— Por que choras, Bento? E' um caso commum como outro qualquer — disse Claudio, ao ver duas lagrimas escorrerem pelas faces rugosas do ancião.

— Não, patrãozinho, para mim não é um caso como outro qualquer... Nh'Onofre, que morrêra estraçalhado nos dentes das piranhas do açude, era...

Ahi Bento interrompeu, soluçando:

— Era quem? — fez Claudio, intrigado e com voz amiga.

— ... era, patrão, o ente que eu mais queria neste mundo... era o meu querido pae!

Noite fechada quando Claudio e Bento chegaram á Casa Grande. Ambos vinham tristes: um porque ouvira a historia macabra de um pobre escravo, o outro revivêra, em seu coração de bom filho, a scena dolorosa da morte de seu pae.

ALCINO TEIXEIRA DE MELLO

(*) — Piranha é um peixe dagua doce, muito voraz. No interior, para se atravessar, a manada, uma boiada nalgum rio onde haja piranhas, mister se torna offerecer antes, em holocausto, uma rez. Emquanto os peixes carniceiros a devoram, a boiada passa sem perigo. (Nota do autor.

Entre cirurgiões.

— Então, sempre o homem do braço; mas para que? Elle estava condemnado...

— Sim; é verdade, não havia meio de salval-o, mas era preciso entretel-o, coitado; então cortei-lhe os dois braços.

Pensamento profundo.

O que um homem sabe póde quasi sempre caber num livro; entretanto, seria necessaria uma bibliotheca para conter o que elle julga saber.

Num hotel.

— Vejo aqui na lista: Marreco do matto com legumes. E' realmente marreco selvagem?

— Pois não! O patrão levou hoje mais de meia hora a correr atraz delle no quintal para torcer-lhe o pescoço!

Donas de casa caprichosas insistam sempre em ter em suas casas o puro, secco, finissimo e economico
SAL DE MESA
Cerebos

O AUTOR

I

DEPOIS de soffrer as mil e uma torturas do autor novo, peregrinando pelas secretarias dos theatros com seu drama debaixo do braço, ia, afinal, estrear a sua obra. Estava radiante de felicidade. Emfim seu drama veria a fascinante luz das gambiarras que a tantas almas deslumbra! Sonhava com a proxima noite da estréa, tanto como um noivo com sua noite nupcial, e o nervosismo o dominava durante os ensaios, a ponto de lhe parecer que nenhum dos actores sabia seu papel e que não comprehendiam o sentido da obra.

— Como estou contente! — dizia á sua esposa, estreitando-a contra o peito. — Mas, achas que *A cadeia de ouro* agradará? O publico a entenderá. Emocionar-se-à como eu ao escrevêl-a, como tu quando a leste?

— E ainda o duvidas? Como és pessimista! Por Deus! Teu drama é um pedaço palpitante da nossa vida. Representa, alem disso, o fruto de teus melhores esforços litterarios.

Estas palavras reconfortantes tinham a virtude de estimular o espirito vacillante do escriptor, que, apesar de seu talento e operosidade incansavel, não recolhia o fruto merecido, essa fama e esse proveito que muitas vezes vão parar a mãos que nunca os mereceram.

Foi ella, sua animosa companheira, quem sempre o estimulou nos mais graves desalentos de sua carreira literaria. Quando os amigos egoistas ou indifferentes o deixavam só; quando todos pareciam ter conspirado para que não se realizassem seus lyricos sonhos — só sua companheira abria os labios para animal-o e dizer-lhe com voz persuasiva:

— Coragem! Teus talento e vencerás. Não desesperes. Escreve, observa como sempre a realidade da vida e procura lévar ao papel suas mais profundas palpitações. O futuro será teu e o terás conquistado por teu proprio esforço, em bôa lei, que é a maior victoria.

— Tens razão — respondia elle, trémulo de emoções, com os olhos humidos de lagrimas. — Lutarei sem descanso, com fé inesgotavel, e a fama e o dinheiro terão que render-se a meus pés, como sempre acabam fazendo-o com todos os conquistadores que não desmaiam deante dos primeiros obstaculos.

II

O theatro estava transbordante desse publico nervoso das estréas. O autor novel passeava, presa de uma inquietude indomavel, no scenario, tropeçando com os empregados que iam e vinham, preparando a apresentação scenica.

— Esta mesa, onde a collocamos? — ouviu que lhe perguntavam.

— Fala commigo? — perguntou a um dos homens, com gesto de espanto.

— Sim, senhor — respondeu sorrindo, o empregado.

— Aqui ficará bem, — disse então, distrahidamente, dominado por um nervosismo que crescia á medida que se approximava a hora de levantar o panno.

A primeira actriz, vestindo um humilde traje de mulher do povo, prompta para fazer seu apparecimento na segunda scena da peça, surgiu deante delle, e, vendo-o tão excitado, lhe bateu maternalmente no hombro e lhe recommendou:

— Serene-se. Sua obra agradará, e muito. Digo-lho eu, que tenho experiencias nestas coisas. Ima-

Conto de LOPEZ DE MOLINA

...rine! Ha vinte annos que venho lidando com o publico e sei o que lhe agrada e o que lhe não agrada. Seu drama é humano, tem scenas de intensa emoção, e todos, de resto, estamos enthusiasmados com a obra. Será um grande exito!

— Obrigado — respondeu elle, estreitando a mão da actriz com suave gratidão.

Ouviram-se os préludios da orchestra. Alguns espectadores impacientes faziam precipitadamente sua entrada, afim de não perder nem uma só palavra da obra, da qual se tinham as melhores informações. Era uma dessas noites em que o publico parece estar disposto firmemente a consagrar ou deitar por terra, para sempre, um autor.

Alguns segundos antes que se levantasse o panno, Gervasio olhou pelo buraco da tela o aspecto da sala, e procurou avidamente o camarote onde havia deixado sua Angelina. Lá estava ella, apparentemente tranquilla, mas tambem nervosa deante da proximidade da representação daquelle drama, que era um reflexo fiel de sua existencia, da vida dos dois sonhadores. Ella tambem contribuira para que Gervasio désse aquelle passo difficil em sua carreira. Ella havia collaborado com seus conselhos, com tal ou qual phrase opportuna na bocca do protagonista, com algum detalhe subtil, emfim, para a creação da obra.

Gervasio contemplou-a um instante, e, retirando-se em seguida, porque a orchestra terminava a symphonia, disse, entre dentes, murmurando:

— Pobrezinha! Como deve soffrer, apesar de sua apparente tranquillidade!

III

Como foi aquillo? Não podia comprehendel-o. Primeiro foi um murmurio vago, um ligeiro rumor. Depois foi crescendo como uma maré, e, por fim, estalaram os assobios, os gritos de desapprovação. Os actores, na scena mais culminante da peça, quizeram impôr-se com seu trabalho brilhante, fazendo esforços desesperados. Tudo foi inutil. Aquillo era horrivel! A pateada era tão estrondosa, que não se ouvia a palavra dos interpretes, não obstante ter elles levantado a voz. Não houve outro remedio sinão baixar o panno e, ainda assim, os gritos e assobios não cessavam. Era uma verdadeira tempestade de protestos. Parecia mentira que aquelle publico, considerado como um dos mais inoffensivos do mundo, fosse o mesmo que agora vaiasse esse drama moderno, audaz, em que seu autor expunha um temperamento rebelde de mulher que sacóde o jugo dos preconceitos para ir para o amor do homem a quem ama.

Mas o publico não havia comprehendido a finalidade da obra, ou se indignára deante de certas audácias de pensamento e ainda de expressão. O caso era que *A cadeia de ouro* foi assobiada sem piedade.

A primeira actriz, essa mesma mulher que tanto elogiára o drama, minutos antes, era a mais encarniçada em falar mal da estréa.

— Quem tem coragem — dizia, aos gritos, para que todos pudessem ouvil-a — quem tem coragem de acceitar uma peça como esta, onde se apresenta uma rapariga que se rebella contra todo o mundo, até contra seus proprios paes, e diz os peores insultos contra a sociedade?

— Estamos arranjados com estes autores modernos! — lamentava-se o primeiro actor. — Não sabem sinão fazer coisas absurdas, com o pretexto de que é preciso escrever coisas novas. Coisas no-

vas! Que sabe o publico de novidades? O publico é rotineiro e é preciso agradál-o.

Gervasio, apoiado na parede, pállido, desalentado, ouvia a todos como si lhe sentenciassem a morte. Não podia falar. O fracasso emmudecêra-o. Não esperava os applausos retumbantes, mas tambem não esperava aquellas manifestações de brutal hostilidade.

Nisso passou perto delle o director artistico, o mesmo homem que foi o primeiro a crer que o drama ia agradar ao publico. Gervasio balbuciou uma desculpa, um perdão, algo que queria traduzir seu pesar pela culpa que tinha naquelle fracasso, e com magoa ouviu que o homem dizia:

— Que estupido fui eu em não ter visto a tempo que seu drama era um disparate!

E desappareceu do scenario violentamente. Todos os olhos estavam cravados em Gervasio, ironicos e hostis. Todas as boccas se abriam para atirar-lhe o lodo de

O AUTOR

(Conclusão)

suas palavras sarcásticas, cheias de veneno. Todos aquelles typos da farandula, que haviam interpretado obras cem vezes peores que a daquella noite malfadada, troçavam do pobre autor, escarnecendo-o com suas pilherias e suas envenenadas indirectas. Ninguem pensava em que aquelle coração de homem que via desmoronar o palacio creado pela sua fantasia experimentava as mais horriveis angustias. E quando o autor, desesperado, á beira da loucura, levou a mão para traz, procurando a arma que ia dar-lhe a liberdade definitiva, sentiu-se opprimido por dois braços carinhosos, e ouviu a voz de Jorgelina:

— Que vaes vaes fazer, Gervasio?! Que vaes fazer?! Tu vales mais do que todos, mais do que tua propria obra! Teu drama assustou a todos os farçantes que não querem ver no theatro a vida tal qual ella é, mas deformada, arranjada a seu sabor. Não deves morrer, e sim viver, para continuares lutando, e dominar este mesmo publico que hoje te vaiou, mas que ha de applaudir-te amanhã. E toda esta gente — gritou, indignada e altiva, dirigindo-se ao grupo de actrizes e actores que presenciava a scena — te adulará amanhã tambem, proclamando que és um genio, quando vir que o publico te applaude com delirio em vez de assobiar-te como agora. Tu vales mais do que todos elles, porque tens talento e juventude.

Ainda em meio de seu espantoso fracasso, essas palavras tiveram a virtude de levantar seu animo, como uma bandeira que se iça; e, commovido como um menino, chorou sobre o hombro de sua companheira, em meio do silencio dos artistas, que nem mais se atreviam a sorrir.

FOSFATINA
FALIÈRES

Crème Simon
Uma massagem com o Creme Simon é tão agradavel para o rosto como uma caricia. Não seca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos póros da pele,
O CREME SIMON
vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.
MODO DE USAR. - Espalhai-o sobre a pele ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos póros por meio de uma leve massagem, seccando-o depois com uma toalha. Ele tornará mais aderente o vosso pó...
o PÓ SIMON
PARIS

O OURIVES JUDEU DA RUA SUJA

De HEITOR MARÇAL

No anno de 1724, de um barco que aportou no Iguape, desembarcou um velho.

Nada mais natural. Não o acharam, porém, as pessôas que o viram desembarcar, com um bahú ás costas, vestindo um gibão surrado e uma gorra suja.

Depois, appareceram pormenores.

Soube-se que elle se chamav Levy e era judeu. Judeu brasileiro, filho de um vago mercador israelita que viéra para o Brasil, ao tempo do principe de Nassau.

Afóra isso, sabia-se que o judeu usava um chinó, possuindo tambem de postiço um sorriso que era eterno e parecia crystalizado na commissura dos seus labios-igual para toda gente.

No grupo da botica, affirmava-se que o judeu era forreta e senhor de bons pares de dobrões de ouro. Em vista de tal oirama, concordavam todos, de bôa fé, que o israelita era ladrão e que vinha fugido ás vexações das justiças, porque pactuára num desvio de ouro das minas.

A despeito de tudo que se murmurava, Levy ficou na villa de S. José de Ribamar, installado numa casa avelhantada da rua Suja, onde montou uma tenda de ourives.

Insulado na meia agua da rua Suja, veiu a ser, com a sua gorra de Braga e o seu timão cossado, o homem mis sovina da terra.

Assim, elle passou dois annos de viver igual, com os dias copiados, plagiados, quasi uns dos outros.

Um dia...

Antes de entrar no facto, importa um detalhe. O rio Pacoty recebia influencia das marés, sendo frequente os casos de febre quartã. A rua Suja beirava o rio Pacoty.

Um dia, o Levy, ao entrar para o fundo da loja, sentiu uns arrepios. Mas não ligou. Não seria nada. Veiu-lhe, porém, um baticum de queixos, um amollecimento pelo corpo. Notou mesmo que ardia em febre. Era a sezão da brava.

Para não gastar dinheiro, não chamou, nem consentiu que chamassem o boticario, já que na terra não havia physico.

A doença, sem embargos nem resguardos, progrediu. Os accessos vieram mais a miudo e mais fortes. Até que uma noite o judeu morreu, sem ter quem lhe puzesse uma vela na mão.

Então a Camara do villarejo, em traje de gala, tocou para o casebre da rua Suja. Já que o homem não tinha familia, iam tratar do enterro.

Quando desenfiaram as tramellas e abriram o bahú, espantaram-se da quantidade de ouro junto. E aquella fortuna pertencia a um homem que morrêra á mingua!

Os édis, precavidos e desconfiados, retiravam os patacões e, olho por cima do hombro, vigiavam o judeu morto. Não fosse elle reclamar...

Então, a Camara confiscou todos aquelles bens para a igreja. E dessa fórma o dinheiro, aferrolhado pela parcimonia do judeu, fartou os cofres das almas da matriz de S. José de Ribamar.

A' tarde, o defunto foi levado para a matriz, com um cortejo de brandões accesos.

O vigario assentira enterral-o lá, com a condição de que tudo correria de accordo com o rito catholico.

No outro dia, a cidade mal estremunhada recebeu esta alvoroçante noticia: o ouro do judeu fôra roubado do cofre das almas.

O padre subira ao pulpito para dizer isso, no meio de um sermão cheio de passagens biblicas, citações em latim e scenas atemorizantes do inferno.

Surgiu logo outra historia. Espalhára-se já que alguem vira o judeu com o batinão e um caixão ás costas rondando a matriz!

Então foi um desfiar de historias, cada qual a mais absurda e mais imprevista. Assim se formou uma lenda em torno do judeu. A casa em que elle morára ninguem ousava habitar, mesmo porque á noite chovia pedra no telhado e vinha do interior um responso ensaiado por voz fanhosa.

A gente da villa, embora farta das historias, acreditava sempre. Piamente. Assim, não se espantou quando o vereador mais velho foi encontrado morto e, facto importante, sustendo á mão um saquitel de carvão.

Todos tomaram essa morte como uma consequencia natural, uma vez que o homem andava a mexer em tudo, com o fito de desmanchar o mysterio.

Levantaram-se supposições: seria a alma do judeu?

Todos criam que sim. O sacco de carvão seria o dinheiro do judeu que a camara, por proposta do edil mais velho, presenteára á matriz.

Firmou-se, então, a lenda em torno do ourives judeu da rua Suja, que se passou a chamar "Pecco das almas".

* * *

Todas essas historias fantasticas acabam, mal grado, em lances triviaes. Terminam dentro da vida. Nos limites da realidade. Esta não fugiu á regra.

Estando á morte o antigo sacristão da matriz, o padre foi confessál-o.

Ouviu, porem, uma confissão publica. Fôra elle, o sacristão, que furtára o dinheiro do judeu e matára o vereador, por suspeita de que elle houvesse descoberto algo. Como se vê, nada mais natural.

E com isso se desfez a lenda que aureolava o perfil judaico do ourives da rua Suja...

CONFISSÃO

VERSOS

Outros, deante da tua belleza, deslumbrados,
certo, já te disseram cousas admiraveis...
— Palavras exaltadas...
— Phrases lyricas...
Porventura — que os teus olhos são
duas estrellas pretas engastadas
no firmamento moreno do teu rosto...
Que a tua bocca, volupluosamente vermelha,
é um sonho de opio,
uma loucura tumultuaria de haschich...
E o teu corpo — citando uma phrase maravilhosa
do Eça de Queiroz —
é um marmore divino
com estremecimentos fortes e humanos...
E que assim cheia de infernaes encantamentos,
só appareces para os seduzir, para os prender,
para os levar romanticamente ao sonho,
— á lethargia voluptuosa dos nervos...
— á excitação orgiaca dos sentidos...

Muita cousa tambem banal e estupida.
— Palavra sem sentido...
— Phrases proprias de gente sem espirito...
Porventura — que os teus olhos são
duas noites sem luar...
Que a tua bocca é uma flor de duas petalas vermelhas,
ou uma taça, em cujas bordas se agitam
as áspides do Peccado...
Que tens um corpo "do facto"...
Que és um "peixão"...
Uma "madeira"...
"Fogão"...
Que olhando para ti, ficam "golados"...
E muita cousa mais, e muita cousa...

Sim, cousas admiraveis já te disseram,
e tambem muita cousa estupida e banal...

Ah, mas nenhum ainda te disse que te amava
com este amor exaltado e animo com que te amo
— capaz de todo sacrificio...
— capaz de todas as loucuras...

(Do "Jardim de Caricias").

STENIO DE SÁ

MORTE

Quando a agonia, que é do fim o inicio,
Dominar meus sentidos já sem norte,
E a angustia me envolver, — atroz supplicio...
Que a coragem me ampare e me conforte!

Quando eu rolar, fremente, o precipicio
Da cordilheira que me leve á morte,
Quero ter o prazer, mesmo ficticio,
De convencer a todos que fui forte!

Hei de sorrir em frente ao meu tormento,
— Tormento que fará, perpetuamente,
Ponto final, a um grande sentimento...

A dor que eu trago presa, ás vezes langue,
Vezes a orar desesperadamente,
Com o peito em chagas, gottejando sangue!

ARISTIDES MAGALHÃES

NUNCA se deixa cair a canêta de proposito, mas quando cáe, os effeitos são desastrosos.

Com a Parker Duofold este receio desapparece. Numa experiencia feita aqui, deixou-se a caneta cair de um aereoplano a 3000 pés de altura, sem que a queda lhe causasse o menor estrago ou avaria.

O "Permanite" de Parker não se quebra, apezar do seu peso ser 28% mais leve do que o da borracha, e é com elle que se fazem o corpo e tampa da caneta Parker Duofold. É por isso que a sua caneta Parker pode cair mil vezes sem se quebrar.

Duofold Grande Rs. 70$000
Duofold Jr. Rs. 50$000
Lady Duofold Rs. 50$000
Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 208, Rio de Janeiro

Sem Jámais SE QUEBRAR *é de absoluta* EFFICACIA

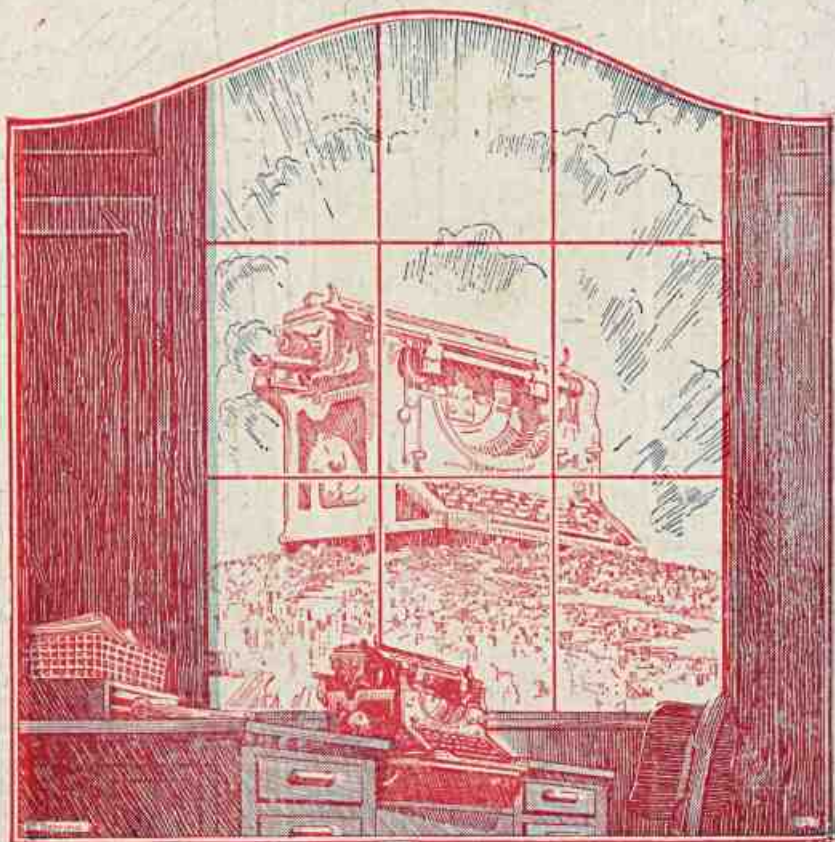
UMA caneta pode ser inquebravel, mas para ser efficaz é preciso que sirva para os fins a que é destinada, sem causar o menor aborrecimento. A pericia artistica de Parker coube a honra de crear a verdadeira obra prima dos instrumentos para a calligraphia.

Escrevendo sem pressão, dotada de uma penna de ouro de 14 quilates com ponta de iridium, suave e macia, esta formosa caneta dá infinito prazer a quem escreve. Comportando 24% mais tinta do que as outras, não será necessario enchel-a constantemente. As brilhantes côres de seu acabamento realçam a sua belleza e dão á caneta Parker a maior elegancia possivel, além de mantel-a como sempre a mais efficaz do mundo. É a caneta que V. S. deveria usar.

Parker Duofold

Canetas, Lapiseiras, Porta-Canetas Para Escrivaninha

Em todas as boas Lojas

PREÇO 4$000

UNDERWOOD

A unica machina que conquistou pelos serviços prestados, pela confiança que adquiriu, o titulo de INVENCIVEL em todos os campeonatos. E' a machina mais resistente, a mais veloz, a mais simples. A MAIS EFFICIENTE!...

A UNDERWOOD é escolhida como padrão unico pelas maiores industrias, bancos, repartições publicas, pelos maiores estabelecimentos commerciaes.

Unicos distribuidores:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio.

S. Bento, 35 — S. Paulo.